

# *Editoração de folhetos populares no Ceará\**

*Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho\*\**

## ABSTRACT

### *The Publication of Chapbooks in Ceará*

This text begins with oral literature, reviews the printing of the first popular rhyme feuilletons and abides in the transition from the poet who published pamphlets (publisher of himself) to the figure of the editor, in the model of the small familiar business akin to the medieval workmanships corporation, in a contexture that refers to the Northeast of Brazil, but restricts the analysis to Ceara State and, more precisely, to the city of Juazeiro do Norte (South section of Ceara).

## RESUMO

Este texto parte da literatura oral, passa pela impressão dos primeiros folhetos em versos populares e se fixa na transição do poeta que publicava folhetos (editor de si mesmo) para a figura do editor, nos moldes da pequena empresa familiar, próxima da corporação medieval de ofícios, numa contextualização que se refere ao Nordeste brasileiro, mas restringe o foco de análise ao Estado do Ceará e mais precisamente à cidade de Juazeiro do Norte (região sul do Ceará).

## 1. Introdução

O estudo da editoração de folhetos populares remete à implantação da atividade gráfica e pressupõe um rastreamento da produção subalterna, excluída, por conta do viés elitista, da maior parte das abordagens no campo da história da imprensa e da literatura cearenses, ou tratada como material pito-

(\*) *Trabalho de conclusão do curso Editoração Popular e Erudita, do Mestrado em Ciências da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, ministrado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jerusa Pires Ferreira, no segundo semestre de 1986.*

(\*\*) *Professor do Curso de Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Mestrado de Comunicação pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, São Paulo.*

resco, o que facilita, sobretudo, sua domesticação e folclorização.

No que diz respeito à atividade tipográfica, esta teria como marco a implantação do primeiro prelo, em 1824, como consequência da adesão do Ceará à Confederação do Equador. São inócuas as discussões sobre o funcionamento de tipografias antes de 24 de abril do mesmo ano, quando circulou o primeiro número do "Diário do Governo do Ceará", o órgão que visava a dar sustentação ao movimento separatista desencadeado a partir de Pernambuco e que teve um efeito e uma permanência capazes de justificar sua importância e prevalência.

Quanto à literatura popular, urge resgatar os elos e evitar o corte abrupto que já coloca as gráficas imprimindo folhetos e tentar recuperar a passagem da oralidade para o registro escrito desta produção, que tem raízes no cancionero medieval, nos romances de cavalaria e em matrizes arquetípicas e que encontra na expressiva listagem de cantadores levantada por Rodrigues de Carvalho, em 1903<sup>1</sup>, os porta-vozes desta síntese que é a literatura de folhetos.

Importante ressaltar a série de cartas de José de Alencar englobadas em "O Nosso Cancioneiro" (1874), onde afirma ter reescrito para correção o "Rabicho da Geralda"<sup>2</sup>, a argúcia de Araripe Júnior ao dosar a jogralidade com o tom lamuriado sertanejo desta manifestação popular, a promessa não cumprida, da Padaria Espiritual, de organizar um "cancioneiro popular genuinamente cearense"<sup>3</sup>, bem como a recolha que Sílvio Romero fez da "rica poesia" do Ceará, com destaque para o improvisador ambulante, o mestre do desafio.<sup>4</sup>

Vale a pena chamar a atenção para a brecha que ocuparam estes produtores populares no estabelecimento de pequenas gráficas, com estrutura familiar e mais próximas das corporações de ofício medievais do que da Revolução Industrial com a qual o Brasil tentava acertar o passo. O acesso a técnicas de reprodução teria mostrado a necessidade do resgate da produção que circulava oralmente e viabilizado uma atividade editorial que vai ter fundas repercussões na cena cultural brasileira.

É esta, em síntese, a proposta que este texto tem, a de resgatar uma atividade que ressalta a criatividade das camadas populares, com a abertura de canais de manifestação de seus valores, suas expectativas e seus anseios.

## 2. Prelos e política

A relação entre o incremento da exportação de algodão do Nordeste brasileiro para o mercado europeu, reforçou-se com a Guerra de Secessão (1860-1865), que teria levado à busca de novas fontes de matéria-prima, e a

---

1. Depois de dizer que "no Ceará, a vocação poética é quase uma característica dos filhos desta terra", Rodrigues de Carvalho lista os cearenses incluídos no seu "Cancioneiro do Norte", onde o maior destaque é dado ao cantador cratense Zé de Matos.

2. Alencar declara: "não fiz na lição popular mais que uma tênue alteração: substituí um vocábulo trissílabo por seu equivalente dissílabo, a fim de conservar a harmonia do verso".

3. A elaboração do Cancioneiro está prevista no artigo 34 dos Estatutos da Padaria Espiritual.

4. Sílvio Romero transcreve a "Xácara de Flores-Bela", "Chula a Três Vozes" e "Sarabanda", como peças populares de procedência cearenses.

implantação de prelos não é tão fácil de estabelecer como pode aparentar uma leitura apressada da questão.

No caso cearense, foi inegável a importância do algodão como pauta de exportações, ao ponto de ter provocado a separação da capitania, até 1799 dependente de Pernambuco. Urge, no entanto, remontar ao ciclo do gado, com a ocupação do interior, e, posteriormente, às oficinas de carne como ponto de partida para a criação dos núcleos de Aracati e Icó, ponto de junção da estrada de Campina Grande para os sertões cearenses e pieuienses, ambos elevados a cidade em 1842, e Sobral (antiga Fazenda Caiçara), sem esquecer a fertilidade do Cariri, que teria propiciado a fundação do Crato, como referências para uma compreensão do papel destas futuras cidades no contexto político e econômico do Ceará.

Neste período em que a hegemonia de Fortaleza não era incontestável, a atividade jornalística se relaciona com a luta política, e, não por acaso, foi Aracati porto de escoamento das riquezas da terra, a primeira cidade interiorana a contar com jornal, em 1831, chegando a contar com três gráficas em funcionamento no período entre 1860 e 1869, segundo o historiador Geraldo Nobre<sup>5</sup>.

Como reforço a esta ligação entre imprensa e poder, está o fato de Sobral e Crato apresentarem uma listagem expressiva de títulos de publicações no período que este texto pretende cobrir. Se Sobral contou com 119 títulos entre 1864 e 1940, segundo levantamento de D. José Tupynambá da Frota, em Crato foram lançadas 162 publicações, desde o pioneiro "Araripe", de 1855, até 1955, conforme estudo do pesquisador F. S. Nascimento.

Não foi, entretanto, nestas cidades de intensa vida política e cultural para os padrões da época, tampouco em Baturité, produtora de café, com tipografia desde 1876 e ligada a Fortaleza por via férrea a partir de 1882, ou nas cidades onde circularam jornais no século XIX, como Maranguape, Granja, Viçosa, Ipu ou Quixadá, que se desenvolveu a editoração de folhetos como uma atividade sistemática. Foi em Juazeiro do Norte, núcleo que se expandiu a partir da figura polêmica do Padre Cícero Romão Batista, deixando de ser a Fazenda Tabuleiro Grande, pertencente ao Crato, para se transformar, a partir da chegada do vigário, em 1872, na mais importante e populosa cidade do interior cearense<sup>6</sup>, que o registro da produção poética popular se fixou e ganhou a força de uma atividade importante, sob o ponto de vista cultural, e significativa enquanto negócio.

Juazeiro tornou-se ponto de convergência dos "náufragos da vida", da diáspora nordestina, a partir dos fatos extraordinários de março de 1889, quando a hóstia se teria transformado em sangue no instante da comunhão da beata Maria de Araújo. Estabeleceu-se uma contínua romaria ao sacerdote, representante de uma religiosidade popular, às voltas com punições, mas sempre obediente à hierarquia eclesiástica, que possibilitou uma troca de informações e a formação de um público que já conhecia e consumia folhetos. Foi este o percurso do alagoano José Bernardo da Silva, natural de Palmeira dos

5. As tipografias de Aracati, no período 1860-1869, eram a "Aracatiense", a de "A Época" e a "Social".

6. Com 135 620 habitantes (dados do Almanaque Abril 1986), Juazeiro do Norte conta com 5 emissoras de rádio e integra as rotas da Varig-Cruzeiro, por conta de sediar o aeroporto regional do Cariri.

Índios, onde nasceu a 1º de novembro de 1901, de vendedor de ervas e raízes a poeta impressor de trabalhos avulsos, que veio a se tornar um dos mais importantes editores de literatura popular de todos os tempos.

### 3. A busca das raízes

Os fatos de o catálogo da livraria de Silva Serva, Bahia, datado de 1811, incluir títulos como “Carlos Magno” e “Roberto do Diabo”, de a Imprensa Régia ter editado, em 1815, a “Donzela Teodora” e de a casa editora Plancher ter introduzido no Brasil a “Verdadeira História da Princesa Magalona”<sup>7</sup> são significativos da aceitação e da importância destes títulos num país que, tardiamente, tinha acesso a este meio de reprodução e transmissão de idéias, mas não dizem de uma atividade contínua que encontraria respaldo na tradição oral e nas cópias manuscritas de mais fácil circulação.

Apesar de estes títulos constarem dos catálogos de grandes casas editoras, o levantamento dos jornais cearenses do século XIX<sup>8</sup> não vai registrar,

entretanto, a venda deste material que teria servido para a constituição do repertório dos nossos poetas populares. A listagem dos títulos à venda nas livrarias do Ceará, como as de J.J. de Oliveira, Libro Papelaria, Evangélica e Afro Bezerra de Menezes, incluía Victor Hugo, Chateaubriand, Castro Alves, Gonçalves Dias, Macedo, Alencar, livros didáticos, religiosos, clássicos (Virgílio, Horácio), seletas e almanaques, além de autores cearenses publicados na terra, como Juvenal Galeno, Senador Pompeu, Dr. Théberge, João Brígido e Rodolpho Theophilo, nomes de destaque no panorama literário de então.

Curioso que, ao contrário do que preconizava Sílvio Romero, a proliferação dos jornais não contribuiu para extinguir a literatura de folhetos<sup>9</sup>, sendo, antes, através da interiorização das máquinas que se tornavam obsoletas que as oficinas se multiplicaram e puderam, no tempo ocioso, imprimir outros materiais, dentre os quais se incluía a produção popular de poesia.

Leandro Gomes de Barros é uma referência obrigatória em meio a folhetos esporádicos que teriam circulado no Nordeste. Ele seria o autor de um *corpus* expressivo de folhetos e teria sido o iniciador desta atividade<sup>10</sup> em nível sistemático. Pelo cálculo de uma nota inserida na quarta-capa de um folheto de 1907, pode-se afirmar, sem muita segurança, que ele teria começado a publicar em 1889, em Vitória de Santo Antão e Jaboatão, os quase mil títulos que lhe são atribuídos, segundo os estudiosos de sua obra.

A possibilidade de viver de literatura de folhetos parece ser a conclusão mais significativa da história de vida do poeta paraibano. Leandro Gomes de Barros estabeleceu o primado da autoria, numa atividade que, por suas

7. Os títulos citados, se não eram folhetos, constituíram matrizes da produção popular.

8. Dedução feita a partir da leitura de “O Cearense”, “O Commercial”, “O Araripe”, “A Idéia”, “O Retirante”, no acervo de microfílmens da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará.

9. “Os livros de cordel vão tendo menos extração depois da grande inundação dos jornais”, afirmava Sílvio Romero.

10. Fala-se na atitude pioneira de Silvino Pirauá, mas o material coletado indica uma relevância de Leandro Gomes de Barros, difícil de ser contestada.

raízes folclóricas, era anônima. É quando ela assume o caráter de literatura popular, embora se aproximando das normas da produção erudita e da massificação da chamada indústria cultural, por mais incipiente que fosse.

O conceito de autor, que além de controverso é relativamente recente e relacionado com a questão das classes sociais, vai provocar as querelas sobre plágio e apropriação tão freqüentes no campo da literatura popular em verso. Desde o início Leandro Gomes de Barros se via às voltas com problemas de direitos autorais, tendo impresso num de seus folhetos que, a partir daquela data, passaria a incluir sua foto nas publicações, como forma de autenticá-las.

Imprimindo na Imprensa Industrial e nas tipografias Moderna, da Livraria Francesa, do "Jornal do Recife", Mendes, Miranda, Perseverança, recorrendo aos serviços gráficos de Chagas Batista, estabelecido na capital da Paraíba com a Popular Editora, ou a Pedro Batista, livreiro e posteriormente detentor dos direitos de publicação de sua obra, sediado em Guarabira (PB), Leandro Gomes de Barros, segundo Carlos Drummond de Andrade, foi, no julgamento do povo, "rei da poesia do sertão e do Brasil em estado puro"<sup>11</sup>.

Quem vai levar a editoração popular a um nível de atividade empresarial é João Martins de Athayde, que teria tido gráfica a partir de 1909 e adquiriu em 1921, através da viúva de Leandro, morto em 1918, os direitos de publicação, desde então em poder de seu genro, o editor Pedro Batista. E neste momento que se dá, mais nitidamente, a passagem do autor-proprietário para a figura do editor-proprietário. Athayde, que recorreu a um lance de ousadia, no início de sua carreira, ao se promover às custas de uma hipotética peleja com Leandro, que tratou de desmascará-lo dizendo num folheto não conhecê-lo<sup>12</sup>, passa a dividir com a Editora Guajarina, de Francisco Lopes, sediada em Belém do Pará e detentora de um alentado catálogo de publicações, o mercado de romances e folhetos, numa fase de grande volume de vendas e forte impacto de suas mensagens.

Athayde, que se dizia "um analfabeto que sempre viveu das letras", já protestava na 4ª-capa de um folheto de março de 1921 "contra os que procuram usurpar os direitos autorais e editoriais". Ele chegou a ter um estoque de mais de 800 mil folhetos<sup>13</sup>, e depois do derrame que sofreu, em 1949, vendeu o direito de publicação do acervo da produção popular que detinha a José Bernardo da Silva, por 15 mil cruzeiros, conforme escritura pública de compra e venda registrada no livro 20, folhas 139 a 142, do Cartório Gonzaga Macedo, do Recife, com data de 8 de julho de 1949.

Deslocava-se para o sul cearense o grosso da atividade editorial popular brasileira, posição partilhada, em termos de mercado, com a Luzeiro do Norte, de João José Soares, no Recife, e a Folhetaria Santos, depois Estrela da poesia, de Manoel Camilo dos Santos, em Campina Grande.

11. Citado por Homero Sena na apresentação do volume III da Antologia da Casa de Rui Barbosa, citado na bibliografia.
12. Leandro afirmou não conhecer Athayde na quarta-capa de "O Diabo na Nova Seita", a propósito do folheto "Discussão de Leandro Gomes de Barros com João Athayde". Posteriormente, Leandro mudou de idéia e citou Athayde em "O Galo Misterioso, Marido da Galinha de Dentes", segundo Ruth Terra.
13. Athayde chegou a ter um estoque de 800 mil folhetos, de acordo com Orígenes Lessa em "A Voz dos Poetas".

#### 4. A marca cearense

Os primeiros registros da impressão de folhetos no Ceará remontam ao início deste século, com a Tipografia Minerva, de Assis Bezerra, fundada em 1892 e ainda em funcionamento. Ruth Terra refere-se, em "Memória de Lutas", à publicação, quando da queda da oligarquia Accioly, entre o final de 1911 e o início de 1912, de folhetos com o pseudônimo de Marcus Franco Tranquilo, constantes do acervo do Fundo Villa-Lobos do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Da coleção do bibliófilo cearense João Carlos Neto constam, sem indicação de autor ou editor, os folhetos "Babaquara - Últimas Disposições", em quadras; "A Victoria de Franco Rabelo" (1ª parte), cuja quarta-capa remete a um segundo volume da mesma publicação, e "A Queda de Babaquara", seguido do poema "Ao Novo Governo", onde uma importante pista é dada no apelo feito à leitura da "Lyra do Poeta", a coletânea que Chagas Batista organizou e publicou em 1910.

Em anúncio publicado em 1919, na quarta-capa do folheto "O Cachorro dos Mortos", Pedro Batista se dirige aos chefes de polícia dos Estados do Pará e do Ceará para protestar contra Francisco Lopes, titular da Guajarina, e Luiz da Costa Pinheiro, que "têm criminosamente feito imprimir e vender este e outros folhetos de Leandro Gomes de Barros sem a menor autorização da minha parte". Considerando-se "legítimo dono de toda a obra literária" do poeta, Pedro Batista fornece indicação sobre a atividade editorial que desenvolvia em Fortaleza o autor da "História do Boi Mandingueiro e do Cavallo Misterioso", cujos direitos de publicação foram cair nas mãos de Olegário Pereira Neto, poeta e editor procedente de Pernambuco, estabelecido em Juazeiro do Norte com a Folhetaria Santa Luzia do Norte, na Rua São Pedro, 1027, e depois de sua morte, em 1946, incorporados ao acervo de José Bernardo da Silva.

Olegário chegou a imprimir num folheto a afirmativa de que ninguém se admirasse de ele passar a assinar os folhetos de Luiz da Costa Pinheiro, já que ele os havia adquirido, numa atitude que deixa claro a modalidade das negociações em torno dos direitos do autor.

O escritor Otacílio Anselmo, em "Padre Cícero, Mito e Realidade", chama a atenção para a publicação, na edição de 6 de fevereiro de 1910 do semanário "O Rebate", fundado em 1909 pelo padre Alencar Peixoto para propugnar pela emancipação de Juazeiro, de um poema de Leandro Gomes de Barros alusivo ao Padre Cícero<sup>14</sup>.

A Tipografia d'O Juazeiro, que pertenceu a José Geraldo da Cruz, depois a Aldeziro Maia e hoje se denomina Sobreira, a Mascote, fundada em 1939 e que se proclamava "a tipografia líder do sertão", também imprimia folhetos, atitudes isoladas diante do caráter de negócio que a literatura popular em verso ganhou no Ceará com a Folhetaria Silva, "agente de livros do trovador José Bernardo da Silva", situada na Rua Santa Luzia nº 107, que depois, como Tipografia São Francisco, passou a ocupar o nº 263 da mesma rua, compreendida no quadrilátero nobre da cidade que segregava no "arisco" os advéncios de baixa renda.

14. Trecho do poema de Leandro: "É um pastor exemplar/ O Padre do Juazeiro;/ Disse-me um velhoromeiro/ E não é interesseiro/ Tudo que faz é de graça,/ Não aprecia dinheiro". In Otacílio Anselmo, página 297.

O poeta ocasional que passou a publicar folhetos depois que chegou a Juazeiro do Norte, em 1926, recorrendo à gráfica da Diocese do Crato, que então imprimia "A Região", sucedido a partir de 1939 por "A Ação", e que tempos depois passou a denominar-se Empresa Gráfica Ltda. (da Fundação Padre Ibiapina), e à Tipografia Cariri, transformou-se no maior agente da folhetaria de Athayde, e com a aquisição, em 1936, da primeira máquina a pedal, por 500 réis, deu início a uma história de sucesso editorial.

A compra, em seguida, de uma "quebra-pedras", que imprimia oito páginas, impulsionava a produção de folhetos e levou à edição de livros como "Duas Palavras", de José Machado, em 1948, e à impressão, em larga escala, de novenas e orações na época das romarias. O poeta Expedito Sebastião da Silva, no folheto "Resumo Biográfico de José Bernardo da Silva", fixa o processo de consolidação da folhetaria em versos como estes: "E a Tip. São Francisco/ se desenvolveu ligeiro/ tornando-se conhecida/ por este Brasil inteiro/ graças à bênção que lhe deu/ o santo de Juazeiro".

O caráter artesanal do empreendimento envolvia toda a família na feitura e acabamento dos impressos que abasteciam uma rede de representantes e agentes que ia da Bahia, com Nigro A. Silva, a Manaus, com Cícero Lino dos Santos<sup>15</sup>, e que por conta da estabilidade econômica chegava a ter o preço impresso na capa.

O editor sabia de suas limitações como poeta, mas tinha consciência da importância do negócio em que se envolvera e que repercutia fundo na cultura regional. Alguns procedimentos como a utilização inicial do reembolso postal, que abandonaria em seguida, passando a exigir que os pedidos viessem acompanhados "das respectivas importâncias, inclusive dos portes", o que cronologicamente coincidiu com a compra do acervo de Athayde, a inserção de anúncios nos folhetos<sup>16</sup> e a publicação de catálogos de títulos consolidaram a importância de José Bernardo da Silva no contexto da difusão da produção popular.

Com a prestação de serviços no campo das artes gráficas e com a venda de livros didáticos e material escolar, almanaques como o "Lunário Moderno" e o "Almanaque do Nordeste Brasileiro", do amador de astrologia e ciências ocultas Manuel Luís dos Santos, ele diversificava suas atividades, sendo a Livraria Bernardo destacada na edição do "Álbum de Juazeiro", publicado em 1951, dentro das comemorações dos quarenta anos de emancipação do município.

- 
15. A lista dos agentes incluía Nigro A. Silva, recebedor e distribuidor exclusivo para a Bahia; Lino Ferreira Neto, em São Luís; Cícero Lino dos Santos, em Manaus; Pedro Tavares Campos, em Belém; Antônio Emídio da Silva, em Natal; Antônio Alves da Silva, em Teresina; Joaquim Cesário, em Coroaá (MA); Artur Sales, em Maceió; Pio José de Almeida, em Porto Velho. Em Recife, Delarme Monteiro foi agente e, depois de desentendimento com José Bernardo, foi substituído por Carlos Costa, Lindalva Costa. João José da Silva, Alfredo Casado e Edson Pinto, em épocas diferentes, foram agentes da Tip. São Francisco na capital pernambucana.
  16. Anunciavam nos folhetos da editora de José Bernardo: Fábrica de Doces Alvanira e Perfumaria Núbia, além da ocupação do espaço com chamadas de novos títulos e reforço dos agentes. O livro "Duas Palavras" (1948) tem 17 patrocínios comerciais.

## 5. A presença do Padre Cícero

Impossível pensar neste processo sem a presença do Padre Cícero e o apelo popular de sua prática religiosa e política. Sua atuação foi marcante na ocupação racional das terras do vale cariense e da serra do Araripe, na introdução de culturas compatíveis e na transformação de Juazeiro na “cidade das pequenas indústrias e do ensino profissional”, o que se teria acentuado com a chegada dos trilhos da estrada de ferro, em 1925, integrando a região à economia do Estado e possibilitando a circulação das riquezas e o deslocamento de pessoas.

Deve ser destacado o estímulo que teria dado a poetas e artesãos para que elessem a cidade como sede de suas atividades e que teria gerado um clima de liberdade à expressão da criatividade popular que não teria sido possível em núcleos habitacionais marcados por uma presença oligárquica mais forte, com predomínio dos valores das elites, como Sobral ou Crato, que passou a manter com sua antiga vila uma disputa política que perdura até os dias de hoje.

A revolta de 1914, com o Padre Cícero aliado à oligarquia Accioly e mandando tropas, dos irreverentemente chamados “molambudos”, para invadir a capital e depor o presidente Franco Rabelo, foi uma luta para ampliar espaços na cena política cearense e questionar a hegemonia de Fortaleza, tendo gerado uma série de folhetos, o mesmo acontecendo com a visita que recebeu de Lampião, em 1926, quando o cangaceiro foi promovido a capitão para combater a Coluna Prestes, e que teria proporcionado o encontro do rebelde, hóspede de João Mendes de Oliveira, no sobrado da Rua da Boa Vista nº 46, com o poeta José Cordeiro, o que redundou no folheto “Visita de Lampião a Juazeiro”.

M. Dinis, Lourenço Filho, Nertan Macedo e Della Cava levantam hipóteses que levam à compreensão da produção poética como reforço de um projeto político mais amplo. Os registros mais antigos parecem indicar João Mendes de Oliveira, que se dizia “um historiador brasileiro”, como um dos primeiros a perceber a atividade poética como economicamente viável e a incluir em seus folhetos, além do panegírico do Padre, conselhos aosromeiros, numa adequação do conteúdo ao público que visava a atingir, que, por si só, justificaria sua importância no contexto da literatura popular no Ceará.

Em decorrência de ter aglutinado este processo, o Padre Cícero tornou-se o centro de um dos chamados ciclos temáticos, tendo inspirado um *corpus* que vai de seu nascimento à morte, sendo invocado para reforçar pressupostos e ilustrar eventos contemporâneos, na tessitura de um texto coletivo de grande força e significado. Quantitativamente, ele está presente nos 66 títulos do Catálogo da Fundação Casa de Rui Barbosa (1961), nos 24 com que trabalhou Renato Dantas no texto “Os Folhetos do Padre Cícero”, publicado no nº 5 do Boletim do Instituto Cultural do Vale Cariense (1978) e nos 59 folhetos do trabalho de Paulo Machado “Padre Cícero e a Literatura de Cordel” (1982).

## 6. A produção poética

Numa estrutura marcada por uma menor rigidez dos papéis sociais, o poeta se descobriu assumindo esta posição de porta-voz e autor de um texto



que antes tinha sido elaborado coletivamente. José Bernardo da Silva dizia-se não se considerar um poeta. João Quinto Sobrinho, que passou a assinar João de Cristo Rei, em razão de promessa para recuperação da saúde, foi levado a assumir este papel ao pedir ao Padre Cícero aprovação para um poema que escrevera. "Você de agora em diante vai ser poeta", lembra em depoimento ao Centro de Referência Cultural do Ceará. O "poeta-místico" diz ter encontrado, em 1927, em Juazeiro, onde se fixou em 1930, um clima de estímulo à produção popular, através de contato com os poetas João Mendes de Oliveira, Antônio Caetano, João Ferreira, João Paraibano e José Bernardo da Silva.

João de Cristo Rei, que sempre utilizou as gráficas de Juazeiro, do Crato e das cidades para onde viajava, como Sousa (PB), intitulava-se "poeta popular" e como tal foi vítima de plágio, prática que tentou inibir com a publicação, na quarta-capa de um folheto, desta estrofe: "Meu folheto é registrado/ Processo dentro da lei/ Ladrão que for encontrado/ Publicando verço [sic] meu/ Sem ser por mim rubricado/...". Cristo Rei chegou a indicar a Rua do Rosário, em Juazeiro do Norte, como local da venda de poesias populares e faz em alguns folhetos publicidade da Tipografia e Folhetaria Bom Jesus, de Jonas Crispim, localizada em Patos (PB). A coerência de Cristo Rei de ser seu próprio editor só foi quebrada muito tempo depois, quando vendeu a Manoel Caboclo os direitos de publicação de alguns de seus títulos.

Também atraídos pelo Padre Cícero, gravitavam em torno de José Bernardo da Silva gravadores como João Pereira da Silva, Manoel Santeiro, Antônio Relojoeiro, Inocêncio da Costa Nick (Mestre Noza), Walderedo Gonçalves e Damásio Paulo, que além de poeta era gerente da Tipografia São Francisco, impressor e gravador.

A habilidade manual sempre esteve presente nas artes gráficas cearenses, tendo Elias Martins de Sá, em 1850, desenvolvido um prelo de madeira para o jornal "O Juiz do Povo". Esta habilidade encontrou solução para a obsolescência do equipamento, que tinha assim sua vida útil prolongada, e foi responsável pelo incremento da xilogravura, da qual Juazeiro do Norte passou a ser um núcleo de irradiação em função da atividade editorial, como chamaram a atenção Sérvulo Esmeraldo e Lívio Xavier, no álbum de xilogravuras que editaram na Europa, na década de 60. Mais recentemente, Abraão Batista e Stênio Diniz vieram se somar a estes nomes, amplificando a dimensão da xilo, que fugiu do formato do folheto e da condição de encomenda, para ganhar uma dimensão de criação artística da maior relevância.

Outros poetas passaram a integrar este núcleo, que restaurava uma antiga tradição das tipografias como pontos de referência na vida comunitária, como Manoel Caboclo e Expedito Sebastião da Silva, poeta com mais de cem títulos publicados, xilógrafo, revisor e que trabalha há trinta e oito anos na editoração de folhetos, participando de seu apogeu e queda, também registrada poeticamente no folheto biográfico de José Bernardo da Silva, anteriormente citado, através dos versos que se seguem: "Por isso aquela oficina/ antes tão movimentada/ hoje em dia se encontra/ por completo transformada/ porém no seu rumo antigo/ ainda está bem firmada". Dentre as causas da transformação, o poeta cita o advento da televisão e as transformações que a mídia eletrônica provocou nos núcleos interioranos e na zona rural.

Seu Expedito assistiu às mortes de Diniz, genro do editor e espécie de diretor-comercial, em 1970, de José Bernardo, em 1972, de dona Ana Vicência, em 1973, e participou da revitalização que significou o período em que

dona Maria de Jesus Diniz esteve à frente dos negócios, até à compra da maquinaria e acervo pelo governo do Estado do Ceará, em 1982, e sua transferência para a Praça do Cinquentenário, antigo Tiro-de-Guerra, e posteriormente para o nº 1140 da mesma Rua Santa Luzia dos primeiros tempos, que significou a quase desativação da Lira Nordestina, o novo nome da Folhetaria de Cordel José Bernardo da Silva, sugerido por Patativa de Assaré.

Nomes expressivos da literatura de folhetos recorriam a Juazeiro do Norte para a impressão de seus trabalhos, como Moisés Matias de Moura, José Costa Leite, Romano Elias da Paz, Nobilino de Sousa, Índio Sertanejo, Teodoro Câmara, dentre outros<sup>17</sup>, num terreno onde se tornam impossíveis afirmações categóricas, em razão da omissão de datas, editores ou gráficas e do tipo de relação contratual de que decorria a publicação, mas com a procedência de Juazeiro do Norte, conforme se depreende do Catálogo da Casa de Rui Barbosa.

Esta influência persiste numa geração de poetas que não chegaram a conhecer o Padre Cícero ou a trabalhar com José Bernardo, mas que optaram por Juazeiro ou permaneceram na cidade atraídos pelo clima de efervescência cultural, como Abraão Batista, Pedro e João Bandeira, Geraldo Amâncio, Paulo Batista, Francisco Zênio e Juraci Barbosa, dentre outros nomes<sup>18</sup> que mantêm viva a produção de folhetos.

## 7. Uma qualidade artesanal

Nunca é demais chamar a atenção para a participação de mestres, aprendizes e obreiros no processo editorial, bem como para certas peculiaridades que marcam todo o desempenho desta atividade. A questão da transposição da barreira do analfabetismo para chegar ao ponto de registro da produção e, no caso dos editores, de chegar a deter uma tecnologia rudimentar para os padrões de hoje, mas em sintonia com os processos tipográficos vigentes na época, não pode passar despercebido a uma observação mais atenta.

A polêmica em relação à autoria se resolvia com a admissão de que ao editor-proprietário cabiam todos os direitos sobre a obra, um problema que tem sido discutido dentro dos parâmetros com que ele se coloca em termos de norma culta. Neste sentido, é exemplar o aviso impresso num folheto datado de 1942 que afirmava que a publicação "que contiver propaganda da Folhetaria Silva lhe pertence, seja de sua [José Bernardo da Silva] autoria ou não".

A maior parte das reclamações diz respeito à apropriação do folheto e sua reprodução por parte de outros editores, havendo displicência e não apenas má fé na manutenção do nome de Athayde em folhetos de outros autores, mesmo quando estes já pertenciam a José Bernardo da Silva. Liêdo Maranhão

---

17. Livino de Barros Neto, Arinos de Belém, João Melchíades, Chagas Batista, Honório da Pedra e Silva, dentre outros, podem ser acrescentados aos nomes citados no texto.

18. Zé Mutuca, José Flávio da Silva, Antônio Macedo, Moésio Barbosa, José Francisco, João Bosco de Freitas, Pedro Saldanha, Edgley Ribeiro, Edjaci Ferreira, Danilo Ferreira, Abraão Rodrigues, Estêvão Rodrigues e Jackson Barbosa são outros autores de folhetos ligados a Juazeiro do Norte.

vai buscar num episódio obscuro que envolve o nome de Antônio Aleluia<sup>19</sup> as provas de que José Bernardo lançava mão da produção de outros poetas em benefício próprio.

O certo é que a Tipografia São Francisco ocupou espaços, detentora que era do *corpus* mais expressivo da literatura de folhetos, e teve de defender com veemência seus direitos, como no caso do Protesto publicado na quarta-capa de folhetos de 1954, onde, depois de fazer menção ao traslado do contrato de compra e venda feito a 6 de fevereiro deste mesmo ano e constante do livro B, nº 4, do Cartório Machado, de Juazeiro do Norte, verberava os que “procuram escrever e publicar minhas numerosas trovas populares, de que sou exclusivo editor-proprietário”.

Ao *corpus* de mais de 150 títulos adquiridos a Athayde se incorporaram novas publicações, perfazendo 320, quando da proposta de venda da Lira ao Governo do Estado, numa prova de que a tradição não pode prescindir da novidade para manter o interesse dos leitores.

O negócio cresceu com a aquisição de novas máquinas e com a antevisão de José Bernardo em iniciar Manoel Caboclo e Expedito Sebastião na astrologia com João Ferreira de Lima, pioneiro na publicação de almanaques populares no Nordeste, que ia a Juazeiro imprimir seu tesouro da sabedoria popular.

A prestação deste tipo de serviços passou a ser um item de destaque na pauta das atividades da Tipografia São Francisco, justificando a inserção de anúncios em vários folhetos, como o publicado na quarta-capa de “O Retirante”, de 1951, onde Expedito Sebastião era elogiado “pela presteza e garantia de seus trabalhos herméticos”. O endereço da tipografia era fornecido para consultas ao astrólogo Antônio Domingos dos Santos.

José Bernardo nunca veio a publicar um almanaque, mas o filão acabou seduzindo Manoel Caboclo, sócio de João Ferreira de Lima, e a Miguel Paulo de Oliveira (“Almanaque Orientado dos Agricultores”) e José Amaro Pereira, com o “Novo Almanaque de Pernambuco”, todo rimado, que tinha como editor o agente, Manuel Augusto da Silva, estabelecido na Rua Todos os Santos nº 217, em Juazeiro do Norte.

Seria ingênuo atribuir apenas a causas pessoais a queda da produção de folhetos, visto não ter havido retração do mercado, como atestam os números exibidos pela Editora Luzeiro, de São Paulo, mas a questão sucessória dentro da Tipografia deixava claro que José Bernardo não havia preparado um substituto, centralizadora que era a maneira como tocava seu empreendimento.

Por outro lado, o desenvolvimento nordestino passava a ser uma questão da maior relevância, numa perspectiva que não privilegiava a contribuição popular, mas que optava por uma modernização que não levava em conta a realidade regional, pelo menos no caso da industrialização cearense, o que ficou comprovado pela inviabilidade do modelo adotado.

Não se pode atribuir a uma simples coincidência que o ano da implantação da Sudene (1959) seja o mesmo em que José Bernardo começou a se desfazer de seu parque gráfico. O Projeto Morris Asimow, desenvolvido, em

19. O episódio é transcrito por Liêdo em “O Folheto Popular: Sua Capa e Seus Ilustradores”, página 72. Antônio Aleluia seria o pseudônimo com o qual José Bernardo publicaria no Ceará folhetos de Athayde e Severino Milanez.

1960, pela então Universidade do Ceará, em convênio com a Universidade da Califórnia, visava a implantar pequenas e médias indústrias na região do Cariri. Este embate entre tradição e modernidade, no melhor estilo dos desafios e peijas, mostrava a inviabilidade de formas pré-capitalistas numa estrutura que importava tecnologias e pretendia adotar uma outra postura com estágios mais avançados do capitalismo.

Fala-se na alta do papel, na indústria cultural, na inflação e na repressão que se seguiu a 1964 para explicar a queda da venda dos folhetos, o que provocava menores tiragens e a redução do movimento da Tipografia, que, a todo vapor, empregava doze pessoas, trabalhando os três turnos, para dar conta dos pedidos que chegavam.

Enquanto a empresa de José Bernardo vivia sua grande crise, que era, por extensão, a crise de toda a editoração popular nordestina, as folhetarias de João José da Silva e Manoel Camilo dos Santos saíam do mercado e Manoel Caboclo e Silva encontrava no almanaque e nos horóscopos uma diversificação de atividades e sustentáculo de seus negócios editoriais, sempre de dimensões mais restritas.

## 8. Compendo a história

Na quarta-capa do folheto "O Último Sermão do Padre Cícero sobre o Fim do Mundo", sem autor e sem data, editado em Guarabira (PB) e constante do acervo da Casa de Rui Barbosa, Joaquim Batista de Sena anunciava a venda de um sítio, pois desejava "mudar de ramo de agricultura para tipografia". Sua atividade editorial começa em Guarabira, com a Folhetaria São Joaquim, rebatizada de Graças Fátima, quando se transfere para Fortaleza, na década de 50, cidade que conhecia de suas andanças, e se instala no nº 725 da Rua Liberato Barroso.

Além de já ter publicado alguns folhetos em Fortaleza, o poeta, intuitivamente, achou que poderia fazer da capital cearense o foco de irradiação de suas atividades, sem a concorrência direta dos grandes editores de então.

Autor de uma das obras mais vastas e significativas no campo da poesia popular, onde se destacam romances e histórias, com maior número de páginas e a exigir mais talento, Sena passou a deter, através de aquisição, os direitos de José Camelo de Melo, o autor do "Romance do Pavão Misterioso". Transferido para o subúrbio carioca de Olaria, chegou a publicar folhetos seus, de Azulão e outros poetas do Grande Rio, e por causa de problemas familiares voltou ao Ceará, tendo se radicado em Redenção. Em 1973 vendeu todo o seu acervo a Manoel Caboclo. A partir daí escreveu alguns folhetos editados por Vidal Santos e passou a amadurecer o projeto de uma antologia ilustrada que englobaria o melhor de sua produção poética.

Manoel Caboclo e Silva fixou-se em Juazeiro a convite de José Bernardo da Silva, com quem trabalhou durante mais de dez anos e de quem se desligou para trabalhar com João Ferreira de Lima, até evoluir para ter seu próprio negócio, graças à compra de uma máquina fundida em Campina Grande, por Júlio Costa. Na Tipografia São Francisco, ele acumulava as funções de compositor, impressor, cortador de papel, vindo com o tempo a escrever algum folheto circunstancial.

O principal produto da Folhetaria Casa dos Horóscopos, localizada na Rua Todos os Santos nº 263, é o almanaque "O Juízo do Ano", que circula,

ininterruptamente, desde 1960 e cuja edição de 1986 tem 20 páginas, formato 12x16,5 cm e composto e impresso, como vem acontecendo há mais de quinze anos, na Gráfica Sobreira.

Com a suspensão das tiragens de seus próprios folhetos e dos que compõem seu acervo, a máquina de Caboclo e Silva passou a imprimir orações, novenas, rótulos e cartões de visita, além de alguma eventual encomenda de folheto, se afastando, paulatinamente, do circuito da editoração popular. O álbum com mais de 100 capas de folhetos, que mantém como raridade, mostra a importância de quem chegou a editar grandes nomes da literatura popular em versos e foi responsável pela iniciação de seus filhos adotivos Antônio Caboclo e Arlindo Marques da Silva na arte da xilogravura.

Quando dona Maria de Jesus Diniz assumiu a Tipografia São Francisco, depois Literatura de Cordel José Bernardo da Silva, depois Lira Nordestina, impôs novo ritmo de produção, optando por um catálogo com mais títulos e menores tiragens. O resultado parecia satisfatório, mas mostrou-se artificial a manutenção de um estoque a que o mercado não dava vazão. Ela veio a admitir, posteriormente, além das causas pessoais, o aspecto da administração em bases não empresariais, resquícios de um tempo em que, em volta da mesa grande, na Tipografia anexa à casa de José Bernardo, onde prevaleciam as relações paternalistas e de compadrio, todos se envolviam na dobra e corte dos folhetos, com hora para merenda e até para a reza. Numa série de depoimentos que ressaltam a cordialidade das relações, com o mascaramento dos conflitos, destoa a voz solitária de Manoel Caboclo a denunciar a falta de observância às normas trabalhistas. Mas o grande texto que se tece é o da grande família, com afinidades, lazer em conjunto no sítio do editor e dedicação total ao trabalho, mesmo no caso de mutilações, como Expedito Sebastião, que perdeu parte do polegar direito numa impressora desajustada.

Mantendo a tradição medieval do aprendiz que se inicia na oficina, primeiro foi a voz de Lino, filho de José Bernardo, afastado da administração da Tipografia por questões sucessórias, e depois seu neto Stênio Diniz, filho de dona Maria de Jesus, começar riscando tacos para capas de folhetos e chegar a ser hoje um gravador inserido no mercado de arte e que, por sua vez, já contribuiu para formar uma nova geração de gravadores, num curso oferecido pelo PIPMO, donde se destacam Francisco Zênio, Goreth, Gilmar, Maciste, que se somam a Francorli, Danilo e, mais recentemente, a José Lourenço Gonzaga, na manutenção desta tradição nordestina.

## 9. Inevitável pessimismo

Com a venda da Lira Nordestina ao governo do Estado do Ceará, que a doou à Academia Brasileira de Cordel, a edição de folhetos passou a ser monopolizada pela editora Luzeiro, que, ironicamente, coloca no Nordeste cerca de 80% de sua produção de mais de um milhão de exemplares anuais. A exceção fica por conta das gráficas de Dila, J. Borges e da Tipografia Pontes, "A Estrela da Poesia", de Guarabira, e da produção independente que em Juazeiro do Norte é absorvida pela Lira e pelas gráficas Sobreira, Mascote, Redil, Royal e Nobre. No Crato, com a desativação da Empresa Gráfica Ltda., a Tipografia Cariri, constituída em 1931 para imprimir o jornal dirigido pelo Dr. Antônio de Alencar Araripe e desde 1937 nas mãos da família Maia, dá vazão à produção de Edson Massilon, Joca do Seminário e Elói Teles, den-

tre outros poetas populares. Em Barbalha, a Tipografia Santo Antônio imprime parte dos folhetos de Chico Mariano e de Agenor de Sá Barreto, "o cancionero da Rádio Salamanca".

O declínio da produção nordestina de folhetos merece ser analisado sob o ponto de vista de sua inserção num contexto mais amplo das relações sociais e de produção capitalista que, aliás, não hesita em recorrer ao formato e à linguagem do folheto para difundir mensagens de produtos, serviços e lojas, servindo também como suporte de estratégias de propaganda e de campanhas eleitorais.

Quando teve a oportunidade de se estabelecer, o poeta popular passou a ser um editor nos moldes que o pré-capitalismo ditava, de acordo com as bases rudimentares de uma empresa familiar que funcionava, onde mais de uma geração se formou, passando pelas múltiplas funções em que se dividia o trabalho.

Mais curioso ainda é que não se fazia muito rígida a divisão entre o saber e o fazer, com o poeta, na maioria das vezes, compondo e imprimindo sua própria criação, sem veleidades de uma postura beletrista que se acentuou com a competitividade a que as leis do mercado passaram a ditar.

O fato de a Lira Nordestina funcionar para atender a encomendas eventuais, merecendo destaque o programa editorial do Ceres, com apoio do Ministério da Cultura e Secretaria de Cultura do Estado, com coordenação do historiador Otávio de Menezes e vinte folhetos<sup>20</sup> editados em 1986, evidencia o risco de se buscar uma tutela salvadora do Estado, quando a saída estaria numa inserção, que parece cada vez menos provável, da editora numa economia de mercado, sendo o desempenho da Luzeiro exemplar para a comprovação desta hipótese levantada.

No que se refere ao filão do patrocínio, a Coleção Caatinga Cearense, com 8 títulos lançados e apoio do Café Guimarães, e a Coleção Autores Cearenses, que lista 10 títulos, são exemplos de respaldo da iniciativa privada à produção popular, no que são seguidas pelas incursões mais tímidas da Assefaz, Cearte e Rondon Editorial.

A verdade é que a maneira como a atividade se desenvolvia não deixou arquivos, e trabalha-se com uma bibliografia que não prima pelo rigor científico e com depoimentos e entrevistas onde prevalece a emoção de revolver um passado profissional que se confunde com a própria vida de cada um dos envolvidos, num ritmo que precisa de emoção para ser lido e compreendido, sem a frieza de uma abordagem que se pretenda apenas científica.

## BIBLIOGRAFIA

1. ALENCAR, José de. **O Nosso Cancioneiro**. Rio, Livraria São José, 1962.
2. ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, Mito e Realidade**. Rio, Civilização Brasileira, 1968.
3. Antologia da Literatura de Cordel. Vols I e II. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1978 e 1980.
20. O Ceres, nos governos Virgílio Távora e Manoel de Castro, editou cerca de 20 títulos nas gráficas Henriqueta Galeno e Real, ambas em Fortaleza. O projeto editorial era de responsabilidade da professora Itelvina Marly.

4. ALMEIDA, Átila, e ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário Biobibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada**. Volume I. João Pessoa, Editora Universitária, 1978.
5. AZEVEDO, Sânzio de. **Literatura Cearense**. Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1976.
6. BATISTA, Sebastião Nunes (org.). **Antologia da Literatura de Cordel**. Natal, Fundação José Augusto, 1977.
7. CAMPOS, Renato Carneiro. **Ideologia dos Poetas Populares**. Recife, Instituto Joaquim Nabuco/Funarte, 1977.
8. CARIRY, Rosemberg, e BARROSO, Oswald. **Cultura Insubmissa**. Fortaleza, Sec. de Cultura e Desporto, 1982.
9. CARVALHO, Rodrigues de. **Cancioneiro do Norte**. Rio, Instituto Nacional do Livro, 1967.
10. DANTAS, Renato. Literatura de cordel "Os Folhetos do Padre Cícero". **Boletim do Instituto Cultural do Vale Caririense**. Juazeiro do Norte, 5:67-81, 1978.
11. DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio, Paz e Terra, 1976.
12. DINIS, M. **Mistérios do Joazeiro**. Juazeiro, Tipografia d'O Juazeiro, 1935.
13. FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem e Letra: Introdução à Bibliologia Brasileira: A Imagem Gravada**. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1977.
14. FROTA, D. José Tupynambá da. **História de Sobral**. Fortaleza, Pia Sociedade de São Paulo, 1953.
15. GIRÃO, Raimundo. **História Econômica do Ceará**. Fortaleza, Instituto do Ceará, 1947.
16. HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil: Sua História**. São Paulo, T. A. Queiroz/Edusp, 1985.
17. LESSA, Orígenes. **A Voz dos Poetas**. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.
18. **Literatura Popular em Questão**. Coleção Povo e Cultura nº 3. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.
19. **Literatura Popular em Verso**. Catálogo. Tomo I. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1961.
20. **Literatura Popular em Verso**. Antologia. Tomo III. Rio de Janeiro, MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa/UFPb, 1977.
21. **Literatura Popular em Verso**. Antologia. Tomo V. Rio de Janeiro, MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa/UFPb, 1980.
22. LOPES, Ribamar (org.). **Literatura de Cordel: Antologia**. Fortaleza, BNB, 1982.
23. LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. **Joazeiro do Padre Cícero**. São Paulo, Melhoramentos, 1926.
24. MACEDO, Nertan. **O Padre e a Beata**. Brasília, Rennes/INL, 1981.
25. MACHADO, Paulo. **O Padre Cícero e a Literatura de Cordel**. Fortaleza, Grecel, 1982.
26. MARANHÃO, Liêdo. **O Folheto Popular: Sua Capa e Seus Ilustradores**. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1981.
27. NASCIMENTO, F. S. Subsídios para a história do jornalismo cratense. **A Província**. Crato, 3:3-14 e 99-112, 1955.
28. NOBRE, Geraldo. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Fortaleza, Grecel, 1976.
29. PEREGRINO, Umberto. **Literatura de Cordel em Discussão**. Rio de Janeiro, Presença Edições, 1984.
30. ROMERO, Sílvio. **Estudos Sobre a Poesia Popular do Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1977.
31. SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)**. São Paulo, Editora Nacional, 1978.
32. SLATER, Candace. **A Vida no Barbante: A Literatura de Cordel no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984.
33. SOBREIRA, Geová. **Xilógrafos de Juazeiro**. Fortaleza, Edições UFC, 1984.
34. STUDART, Barão de. **Para a História do Jornalismo Cearense (1824-1924)**. Fortaleza, Tip. Moderna, 1924.
35. TERRA, Ruth. **Memória de Lutas: Literatura de Folhetos no Nordeste (1893-1930)**. São Paulo, Global, 1983.

## A N E X O S

### Entrevista com

### Dona Maria de Jesus Diniz

*P. – A senhora assumiu a gráfica depois da morte do seu pai?*

**M.J.D.** – Mamãe, eu assumi depois que mamãe faleceu, em 73, dez meses depois da morte do papai. Deixe eu ver, 73, no dia 19 de agosto. Papai foi no dia 22 de outubro de 72.

*P. – Qual era seu estado de espírito, neste momento, para enfrentar a Tipografia?*

**M.J.D.** – Entrei com todo entusiasmo que tinha em mim. Naquela época eu tinha muita... eu viajava aqui por Goiás, não sabe? Mas eu não esperava que ela... Eu não esperava nunca de assumir a responsabilidade, mas graças a Deus, como é que se diz? Apesar de ter tido assim um, houve assim muitos aborrecimentos, partilha de herança, não sabe? Mas graças a Deus, enfrentei.

*P. – O que se sabe é que o período em que a senhora esteve à frente da Tipografia foi de grande estímulo ao cordel. Como a senhora vê isso?*

**M.J.D.** – Foi, sim. Foi porque eu tinha muita força de vontade e eu pensava: eu vou vencer, eu vou conseguir, e consegui. Expedito mesmo foi um dos tais a dizer, com mamãe ali sentada: “Ô Expedito, quando é que eu vejo isso aqui cheio?”. Expedito. Tudo vazio. Ora, tinha 7 de romance e 6 de folheto, e eu cheguei a fazer, a ter em prateleira 100 tipos de livros. Cem. Enchi. Eram cheias as prateleiras. Era cheia aquela parte, ali onde a gente dobrava, que eu enchi até em cima e uma despensa e o sótão. Eu enchi tudo.

*P. – A senhora já encontrou um mercado com a presença do rádio transistorizado e impacto da televisão. A que atribui o sucesso de vendas do período em que esteve à frente da Tipografia?*

**M.J.D.** – Eu atribuo à minha força de vontade, e lhe digo, eu só não venci melhor porque fui decaído assim, o espírito, que a gente nunca pode ter assim um espírito decaído. A gente tem que ter um espírito de muita força, muita coragem. No começo eu entrei com muita garra, aí depois eu fui me desgostando. Cartas mesmo que vinham para mim, sabe, de pedidos, sabe, eu posso dizer que nem respondia. Eu tinha, até certo tempo, eu tinha uma filha que me ajudava muito. Ela saiu e eu sozinha não podia, sabe. Não podia enfrentar sozinha. Pedia apoio a meus filhos, eles pouco ligavam, achavam que eu tinha muito amor àquilo ali e não ia deixar nunca. Mas então, eu vendo que num, que ou eu saía ou morria ali mesmo... Como de fato, se eu estivesse lá, já há muito tempo tinha falecido. Tinha morrido mesmo.

*P. – Como ficou a questão dos representantes e agentes no período da senhora?*

**M.J.D.** – Não, os meus representantes, eles compravam assim, eram umas pessoas ótimas, os meus agentes. Eu ia levar mercadoria, às vezes eu trazia, quando muito, como é que se diz? O débito passado. Isso era muito difícil



porque geralmente era à vista. Era à vista as compras, não sabe? Agora depois da Luzeiro, ultimamente, é que lá no Recife, às vezes eu chegava lá e seu Edson dizia que não tinha dinheiro porque tinha mando [sic] cento e tantos mil pra São Paulo. Mas em compensação, tinha seu Antônio. Tem o de Fortaleza, que deixou também, o seu Benedito. Seu Antônio é de Teresina. Me deu muita força, é uma pessoa muito boa, uma criatura maravilhosa. E seu Benedito deixou há muito tempo. Tinha outro lá, mas eu não... Eu contava, ultimamente, só com seu Edson, seu Antônio e as vendas. Tinha uma senhora também na Paraíba, mas essa também o marido dela morreu e ela não pôde, que é a do... Como é o nome dele? João Severo. Ela não conseguiu, não, enfrentar a barra. No tempo de João Severo era muito bom, quando ele era vivo, mas morreu do coração, aí ela passou pouco tempo, não conseguiu.

*P. – Qual o critério utilizado para selecionar os títulos a serem publicados?*

**M.J.D.** – De acordo com as vendas, né, porque a gente vendendo a gente sabe qual é o que sai mais. O que saía mais era Pavão, Zé de Sousa Leão, Zé Garcia, Escrava Guiomar, O Segredo da Princesa, todos os livros, sabe? E assim, vamos supor, o livro, o título que eu tenha, quando passa 6 meses que está esgotado, se a gente faz aquilo, é como novo. Mas o Pavão, o Zé Garcia e o Zé de Sousa Leão, nunca, não era pra faltar, de maneira nenhuma, não era pra faltar estes. Agora, eu, às vezes eu conversando aqui que se talvez eu tivesse demorado mais, será que – as meninas riem de mim –, será que o Roberto Marinho, que tem ajudado tanto, não tinha me ajudado? As meninas riem... A senhora tem cada... Eu digo: não, minha filha. É uma coisa tão antiga, não é?

*P. – Como a senhora vê a televisão como instrumento de redução do interesse popular pelo folheto?*

**M.J.D.** – No meu ver eu acho que a televisão não atrapalha, não, de maneira nenhuma. Pelo seguinte: o único lugar ruim de vender cordel é aqui em Brasília. Aqui é... Mas tem muita cidade por aí, no interior. Até mesmo no Rio de Janeiro é bom de se vender. Teresina, Fortaleza todo canto é bom de vender. Agora, aqui em Brasília, não sei por que...

*P. – Os títulos que vendiam mais eram sempre reeditados. E qual a atitude da senhora diante dos novos autores?*

**M.J.D.** – Não. Teve muitas histórias. Expedito mesmo sabe. Do Exped... eu cheguei a comprar “O Segredo de Verônica”. Não me lembro mais. Umás histórias boas saíam bem. Antes da gente tirar a gente botava propaganda, né, e se vendia. Se o livro for bom, se vende. Agora, uma história fraca...

*P. – Vocês usavam mais clichês que xilogravuras nas capas?*

**M.J.D.** – Xilogravura sempre foi preferido. Agora teve uma época que eu não me lembro, não me recordo o ano, eu não sei se eu já tinha casado nessa época, chegou uma criatura lá em casa e chamava até mamãe de vozinha, todo dando atenção. E nessa época era tudo em xilogravura. Ele chegou lá, escolheu foi muito, que, quando mandou, mandou de chumbo. Floriano Teixeira levou os tacos e mandou o pagamento em chumbo. Mamãe achava que de chumbo era mais bonito, sabe?

*P. – Como foi a trajetória do Stênio dentro da Tipografia?*

**M.J.D.** – Ele começou fazendo as xilos das capas, aí parece que em 72, mais

ou menos, ele veio aqui a Brasília e na Casa de Cultura deram um livro para ele ler e fazer as xilos. Aí fez.

*P. – Quem criava as xilos antes do Stênio?*

**M.J.D.** – Eu conheci seu Damázio, um empregado. Tem também o João Pereira, já faleceu. Walderedo, ele fez aqueles “Doze Pares de França”. Mestre Noza... mas mestre Noza, não me lembro, se tinha era pouco. Agora de seu Damásio... Olhe que seu Damásio desapareceu, que eu tou achando que foi nesse meio, papai disse que perdeu muito. Foi muitas, porque era tudo em madeira, de Damásio Paulo. Acho que ele morreu. Ele aprendeu a profissão com meu pai, lá em casa. Era um matuto inteligente, menino, como eu nunca vi!

*P. – É verdade que seu Zé Bernardo começou a Tipografia estimulado por Padre Cícero?*

**M.J.D.** – Foi. Ele mandava fazer os cordéis numa gráfica do Crato, aqueles cordeizinhos, em 32, na seca de 32. Aí papai mandava fazer. Papai fazia o livro, aí mandava imprimir no Crato. Naquela época, naquela seca de 32, papai todo dia, mamãe dizia que ele apurava, parece que 2 cruzados e ninguém passava a crise que tá se passando hoje.

*P. – E depois, como foi?*

**M.J.D.** – Aí ele sempre mandando fazer, mandando fazer, e nós morava na Rua São Francisco, isso eu me lembro, e os fregueses iam comprar, já iam comprar lá em casa, no dia de domingo, e papai também viajava. Aí eu sei que graças a Deus a coisa foi melhorando, ele comprou a casa lá na Rua Santa Luzia.

*P. – A composição sempre foi manual?*

**M.J.D.** – Manual, é.

*P. – Na fase de maior movimento, chegou a ter quantos empregados?*

**M.J.D.** – Era Expedito, Ronaldo, Francisco, Murilo e César, e tinha um que eu aposentei também, Pedro, e tinha dois garotos. Nós trabalhava de dia e de noite, assistindo televisão e dobrando.

*P. – Como a senhora vê o folheto de ocasião? Era editado quando de sua passagem pela direção da Tipografia?*

**M.J.D.** – Sim, naquela época a gente fazia folheto, sempre que acontecia, assim que a gente via que, tem acontecimento que se dá num, mas...

*P. – A gráfica tem que ter agilidade.*

**M.J.D.** – Lógico. Tem, como é que se diz, tem que ter empregado muito eficiente, que tenha força de vontade pra ajudar. É justamente por isso que eu tou lhe falando do Stênio. Se Stênio tivesse me ajudado: mãe, vamos enfrentar, não precisava eu pagar. Tá certo que a filho a gente dá tudo, mas não é como empregado...

*P. – A gráfica era da senhora e quantas irmãs?*

**M.J.D.** – Duas, duas irmãs. Porque tinha dois irmãos, mas eles receberam o que quiseram. Isto é, um irmão, ele não quis ajudar e também ninguém quis, porque ele bebia muito, um desastre, e tinha um sobrinho, mas era pequeno,

recebeu um imóvel, recebeu um prédio na Rua Santa Luzia e um terreno em Pernambuco.

*P. – Em Juazeiro as vendas melhoravam nas romarias? Ouromeiro não comprava folheto?*

**M.J.D.** – Não, vendia, nessa época, de, ora, vinha vendedor do Recife, de Alagoas pra vender em Juazeiro. À noite, na época da romaria, até 10 horas da noite eu tava vendendo por aí, sabe? Era bom o movimento nessa época, se vendia muitas orações, muitas novenas, tinha que estar preparado.

*P. – Vocês sempre tiveram essa produção de novenas e orações?*

**M.J.D.** – É, por causa da época dosromeiros, sabe? Eles gostam muito.

*P. – Quais vendiam mais?*

**M.J.D.** – Ofício da Imaculada Conceição, Maria Valei-nos, Novena do Padre Cícero e muitas orações, mas Maria Valei-nos e Ofício, a tiragem era igual a José de Sousa Leão, tirava 12 mil. Fazia 12 mil em setembro, quando era novembro num tinha, tinha que fazer mais, que vendia muito.

*P. – A que a senhora atribui a publicação da maioria dos folhetos com oito páginas?*

**M.J.D.** – É à crise do papel, porque naquela época o papel já tava uma nota, né, aí hoje, e também, como é que se diz, o salário. Agora, se bem que na época em que eu trabalhava eu gostava mais era do romance, que era mais caro. O romance é de 32 ou 48.

*P. – Qual a sua opinião sobre os poetas em atividade atualmente em Juazeiro?*

**M.J.D.** – Lá, que eu conheço mesmo, que eu sei mesmo que é poeta que entende, que tá por dentro, só tem o Expedito mesmo, só Expedito. Porque Abraão faz um folheto e leva pra Expedito corrigir. O que é que é isso? Pedro Bandeira, do mesmo jeito. Ele faz e tem o menino que corrigir sobre a métrica, rima, que ele não sabe colocar direito.

*P. – Como a senhora compararia o folheto da Luzeiro com o tradicional, das tipografias nordestinas?*

**M.J.D.** – O que eu vejo no folheto da Luzeiro é só assim uma fantasia, né? Porque os livros deles era sempre plagiado, não era igual ao nosso, não. Tinha o plágio, tudinho, uma parte dos livros, aí tinha aquela capa colorida, né, o pessoal não entende... Hoje não.

*P. – O preço é mais alto.*

**M.J.D.** – É mais caro por causa da capa. O pessoal não quer saber da rima, nem da métrica, quer ver aquele colorido, né? Eles se iludem com aquilo, pensam que é do mesmo jeito.

*P. – A venda para o governo do Estado foi complicada? Pagaram direitinho?*

**M.J.D.** – Não, foi pago direitinho. Foi uma venda assim rápida. Sabe por quê? Agora, naquela época o Vidal tinha vendido por 8, mas deixa que eu só recebi 6. O negócio que deu uma complicação foi essa...

*P. – Por que só recebeu 6 milhões de cruzeiros?*

**M.J.D.** – Era assim: eu fazia o negócio hoje, quando era com 15 dias desis-

tiam, sabe, e eu naquela loucura pra vir embora, quando um dia chegou um telefone do Vidal dizendo que tinha, se eu aceitava. Eu disse: é oito mil cruzados, oito milhões naquela época. “Não, mas faz é tempo que eu tou aqui e tenho gasto muito. É uma caixa de uísque pra um, uma caixa de uísque pra outro, ajutando a minha despesa, você já viu como é que é.” Eu pensei e disse: homem, resolve esse negócio; queria ver era, queria ver era resolvido.

*P. – E depois da venda...*

**M.J.D.** – No dia que viajei, eles vieram de Fortaleza e eu entreguei pra eles. Vidal veio também, aí deixou Expedito, minha nora e meu filho, cada um que tomasse conta de um. Um da venda. César trabalhando na máquina. Ficou ainda 2 empregados que tinham sido meus trabalhando também. Tudo bem, eu entreguei. Aí, naquela época, em mercadoria ainda ficou, rapaz, eu não sei se foi 2 milhões e 500 em estoque. Aí pronto, eu não tenho nada a ver com isso, né, entreguei tudo. Aí ele deu o cargo. Stênio foi que nunca quis, Stênio entrou nessa depois de muito tempo. Deu cargo a fulano, cargo a sicrano. Eu sei que uma época que eu fui lá, ele disse que não queria a Dalvirene, a minha nora, lá, nem queria César, queria era sangue novo, fez o maior papelão. Aí foi a felicidade deles. Meus filhos vieram embora, e quando eu cheguei lá num tinha nada. Porque era assim, pra vender o estoque e ir comprando material, num sei como é que está lá agora. Tem estoque? E como é que vai ser quando for prestar conta? Eu não quero nem ver mais...

*P. – Além da morte dos seus pais, do seu desinteresse em função da idéia da viagem para Brasília, a que atribui a queda da Folhetaria?*

**M.J.D.** – Eu naquela época não dava para mim. Eu não sei se era pela administração... Às vezes eu penso que tenha sido a administração, a falta de interesse, tinha que ter boa cabeça, cabeça assim pra, porque mamãe tinha um plano de negócio, né? Ela ficava ali, ela lutou muito, que ela chegou até, no começo da vida de meu pai, ele viajava e ela cortava os livros. Era na tesoura, sabe, uma criatura que lutou muito, mas as idéias eram antigas. Sei que em 72 papai faleceu, mas papai fez muito futuro, muita coisinha aí, ele chegou a possuir sítio, deixou cinco imóveis, um imóvel para cada um. Tinha bastante crédito no Recife. É tanto que depois que ele faleceu não enfrentei problemas de compra de material. Eu não tive porque papai deixou um grande crédito no Recife. Chegava lá no Recife, seu J. M. Brasil olhava assim pra mim e dizia: despacha o que ela quiser. Depois que meu pai faleceu, eu ainda consegui comprar uma máquina Catu, ainda fiz boas tiragens, ainda vendi para a Faculdade da Paraíba, naquela época 250 mil livros, era muito livro. Pois é, eu vendi bastante lá pra eles. Mas depois fui me desgostando, porque minhas irmãs eram sócias, ficaram pra aqui, aqui em Brasília, e eu sozinha lá. Aí eu me desgostei, e minhas filhas também aqui...

## **Entrevista com**

### **Joaquim Batista de Sena**

*P. – Como começou a história de sua folhetaria em Fortaleza?*

**J.B.S.** – A minha primeira folhetaria foi em Guarabira. Naquele tempo, Ma-

noel Camilo dos Santos começou numa máquina de pau, uns dois anos andava todo de gravata, de capa, colete, parecia um bacharel. Então comprou cofre pra botar dinheiro, uns dois anos que escrevia folheto em tipografia de pau. Que aliás, essa tipografia de pau, a história nasceu de mim, a máquina de pau para escrever folheto, mas é uma história muito longa, vamos deixar pra outro lado. Então, o Manoel Camilo dos Santos escrevia os folhetos, saía ruim, como carimbo, mas com tudo isso o povo levava. Naquele tempo o folheto era mais vendido, mais apreciado que as novelas de hoje em dia, e então Manoel Camilo escrevia em tipografia de pau. Não estou me lembrando a pergunta que o senhor me fez.

*P. – Eu perguntei pela história da sua folhetaria, e o senhor está relembando a primeira lá na Paraíba.*

**J.B.S.** – Sim, surgiu daquele tempo de Nossa Senhora de Fátima que andou no Brasil, eu fiz um folheto da visão de Nossa Senhora de Fátima, os três meninos que viram a santa. Eu ia nas novenas, aqui em Fortaleza eu tirei retrato, clichê de todo tipo, fui ao Pará, sofri muito, mas arrumei dinheiro que comprei uma tipografia com as máquinas tamanho 8, a Júlio Costa, em Campina Grande, que ele fundia máquinas de tipografia, facão. A tipagem eu fui comprar em Recife, na “Futimor”, e montei uma tipografia em Guarabira. Nessa época, José Bernardo pode-se dizer que era um barão, com folheto. João Martins de Athayde parece que ainda não tinha vendido os direitos autorais a ele.

*P. – Ele vendeu em 1949.*

**J.B.S.** – Não me lembro do ano da santa.

*P. – Foi já na década de 50.*

**J.B.S.** – Eu sei que José Bernardo era um tipo barão, João Martins de Athayde, quando eu conheci ele era um tipo barão, Manoel Camilo enricou da noite para o dia. João José da Silva também enricou da noite para o dia. Na morte de Getúlio Vargas eu tive em Recife, na casa de João José no centro da cidade de Recife, casa própria. Ele comprou logo tudo, dentro de dois anos pra três, vendendo folheto. Comprou casa própria e tudo mais. Na morte de Getúlio Vargas ele me mostrou 122 fardos de papel jornal de 52 gramas, todo feito pilha, dentro da casa dele. O senhor faça a conta, hoje um fardo de papel jornal de 52 gramas, quanto estará custando? É milhões. Aí nasceu essa esperança de eu ainda possuir uma tipografia quando Nossa Senhora de Fátima andou aqui no Brasil, eu fiz todo esforço, viajei com essa santa durante toda a época que ela viajou no Brasil, de Belém do Pará até aqui, e comprei uma tipografia a Júlio Costa, em Campina Grande, um facão pequeno, uma máquina tamanho oito, os tipos eu comprei na “Futimor”, em Recife, arrumei pessoas que trabalhassem em tipografia e levei o negócio à frente. Em Guarabira, podemos dizer assim, eu não pude viver com a competição dos colegas. José da Silva, em Recife, enchia de folhetos. José Bernardo da Silva, em Juazeiro, enchia de folhetos. Manoel Camilo dos Santos em Campina Grande enchia de folhetos. Aí eu achei de vir me estabelecer no Ceará.

*P. – Quando o senhor veio para cá?*

**J.B.S.** – Não estou lembrado do ano. Aqui em Fortaleza fui morar na Flores-

ta. Comprei uma tipografia aqui no centro, na Rua Liberato Barroso, 725.

*P. – Quer dizer que não eram mais as máquinas de Júlio Cabral, de Campina Grande?*

**J.B.S.** – Não eram mais as máquinas pequenas, eram máquinas maiores. As pequenas eu vendi e comprei essa grande.

*P. – Vendeu para quem?*

**J.B.S.** – Para um rapaz de Bananeiras, na Paraíba; levei essas máquinas num trem daqui para Campina Grande, de Campina Grande botei num carro e ele levou para Bananeiras da Paraíba.

*P. – O senhor então comprou outras máquinas aqui em Fortaleza?*

**J.B.S.** – Comprei outras máquinas aqui em Fortaleza, daí continuei a escrever. Aí então foi o tempo, como diz aquele escritor de Campina Grande, que a novela de televisão foi engolindo a novela da literatura de cordel, aí foi caindo. José Bernardo da Silva, João José da Silva, Manoel Camilo dos Santos e eu quando me vi falido, ainda resolvi vender tudo quanto tinha aqui, comprar maquinaria e me estabelecer no Rio de Janeiro. Então vendi a tipografia, vendi os direitos autorais, naquele tempo passado, e então comprei duas máquinas tamanho 8, em Parnaíba do Piauí, só os pedaços, botei-as na Interbrasil, já estava morando no Rio. Fui na frente, com uns trinta dias a Interbrasil me entregou essas máquinas na rua, estou esquecido da rua em que eu morava no Rio, era abaixo da Penha, Rua Tanagra, 75, Olaria. Aí a Interbrasil me despejou essas máquinas lá, aí eu, como conheço tudo de tipografia, vai eu fundir peças que não tinha e restaurar outras; assim montei duas máquinas tamanho 8, uma motorizada e outra manual. Entreguei a um filho mais dedicado pra trabalhar e ele começou numa cerveja pesada, com os amigos lá no Rio de Janeiro, e eu ia reclamar, minha mulher ia de encontro a mim, e foi aí o começo do desmantelo da minha vida. Eu deixei a família, deixei a mulher, com sede de arrumar outra família, outra mulher e outra família, foi o meu caso, como de fato arrumei outra mulher e outra família. Hoje eu tenho 8 filhos, duas moças e seis filhos pequenos, de menoridade. Estão tudo na escola, com a maior dificuldade que vivo, mas estão tudo na escola.

*P. – O senhor sabe o que foi feito dessa tipografia?*

**J.B.S.** – Eu vendi ela pra Quixadá, de Quixadá o rapaz vendeu ela novamente aqui pra Fortaleza e ela está montada aí no centro de Fortaleza, na Rua São Paulo, parece que é, agora não sei do número.

*P. – O que o senhor publicou lá no Rio?*

**J.B.S.** – Ainda publiquei uns três títulos de folhetos, de Azulão, um poeta lá do Rio de Janeiro, eu publiquei “Peleja de Azulão não sei com quem”. Publiquei livros meus, publiquei de outros colegas lá, mas assim contrariado, questão de família.

*P. – O senhor se lembra em que ano foi pro Rio?*

**J.B.S.** – Não me lembro, foi a data de 1970, 1971, de 70 pra 71.

*P. – A informação que tenho é de que o senhor vendeu os livros para o Manoel Caboclo em 73.*

**J.B.S.** – Foi, sim, senhor. Eu não estou bem lembrado, mas do Rio de Janeiro eu vim na data de 71 pra 72.

*P. – Lembra-se de como foi a transação comercial?*

**J.B.S.** – Me lembro, foi muito barato, naquele tempo. Foi oito mil cruzeiros que eu vendi os direitos autorais a ele e passei a escritura lá no Juazeiro do Norte.

*P. – O senhor tem vontade de organizar uma antologia?*

→ **J.B.S.** – É, se eu pudesse eu compraria meus direitos autorais a Manoel Caboclo e fazia uma antologia de todos os meus romances, uma espécie de antologia ilustrada. Eu tenho essa idéia porque isso aí nasceu da Luzeiro. No centro dos folhetos, naquele verso de mais força que tinha lá no meio do folheto, eles faziam a fotografia do personagem com o verso, com a sextilha. O Dr. Linhares também tem essa idéia, de uma antologia de literatura de cordel, assim no formato tamanho 8, então colocasse os versos dentro da página que ficasse um lado que coubesse a ilustração de cada verso. Então fizesse aquilo em offset. Não fazem esse negócio do Pato Donald, dessas revistazinhas pequenas? Fizessem aquela fotografia diferente dessas revistazinhas pequenas de caricatura. Se fizessem uma ilustração bonita, eu acredito que tomaria outro impulso a literatura de cordel.

*P. – Na sua opinião, quais seus melhores folhetos?*

**J.B.S.** – “Os Martírios de Emília do Socorro” e as “Crueldades de Adolfo Rico”, criatividade minha; “O Bárbaro Assassinato de Manoel Machado e a Vingança de seu Filho Samuel”, criatividade minha; “Braz e Anália”, criatividade minha; “João Mimoso e o Castelo Maldito”, criatividade minha; “João Valente e o Dragão de Três Cabeças”, “João Grande e os Valentões do Teixeira”, criatividade minha. Não estou bem lembrado de mais.

*P. – Quem fazia as capas de seus folhetos?*

**J.B.S.** – Eu procurava aqui um pintor, um rapaz que desenhava muito bem, esse rapaz morreu e eu me arranjava com postais, retratos, fotografias.

*P. – Quem era esse pintor?*

**J.B.S.** – Não me lembro do nome. Eu comecei a escrever folheto com dificuldade, fazendo os clichês de casca de cajá, em Guarabira. Eu fazia o folheto e tinha um rapaz que cortava o clichê em casca de cajá, mas não saía tão bem-feito. Eu tinha o maior desejo de botar um clichê bonito na capa de um folheto meu. Uma certa vez eu me dediquei a ir a Recife, fui por Caruaru, quando eu cheguei, eu levava já o esquema dos clichês. Cheguei em Caruaru do Pernambuco e eu vi, eu me hospedei lá num hotel, era hotel e bar, não tinha porta, virava noite e dia. Aí eu vi, o nome do dono do hotel era Artur, Artur de tal. Eu vi o retrato do Artur feito em clichê de xilogravura, uma fotografia distinta do seu Artur. Então eu disse: quem é que corta esse clichê? É um velho aí, que mora dentro de um barraco de madeira, ninguém conhece ele, pra conversar com ele só se bater no barraco pra ele abrir a porta, mas que ele não se mostra a ninguém, não quer ser visto por ninguém. Fui até lá, bati na porta, apareceu aquele homem, parecia um monstro. Eu disse: o senhor foi quem fez aquele clichê do seu Artur? Aquele que ele botou lá no bar dizendo que as dormidas se pagam adiantadamente? Ele disse: fui eu mesmo. Disse: o

senhor pode me fazer uns clichês, que eu ia levando para fazer lá no jornal, em Recife? (Mas no jornal em Recife era a coisa mais difícil fazer um clichê naquele tempo.) O senhor me faz esses clichês dando as fotografias? Disse: faço na hora. Aí eu entrei em entendimento com ele. Quer dizer que antes, quando eu morava na Paraíba, naquele tempo, apareceu um derrame de selo falso, naqueles engenhos da Paraíba. O freguês fazia selos e vendia aos senhores de engenho, e isso passou uns cinco anos para poder ser descoberto. Quando foi descoberto, então foi uma zoadá temerosa, e procuraram esse indivíduo que fazia os clichês pra fabricar os selos e esse sujeito desapareceu, ninguém pôde pegar. E não era esse freguês, lá de Caruaru! Ele se identificou pra mim, naquele tempo era ele quem fazia os clichês pra fabricar os selos e nós entrando em palestra, ele ficou ciente, eu mandei ele fazer os meus clichês e ele falou pra mim pra fazer um clichê pra fabricar dinheiro, naquele tempo tinha a cédula de 50000 réis, uma cédula pequena. Ele disse que fazia o clichê pra fabricar a cédula de 50000 réis de olho fechado, mesmo assim não tem homem que descubra, mas eu tive medo, toda vida eu tive medo de entrar em negócio perigoso, nunca entrei. Tinha uma madeira especial para fazer os clichês. Aí ele ficou fazendo os clichês dos meus folhetos. Fez muitos anos os clichês pra mim, clichês de pau, xilogravura. Agora muitos outros aqui, eu mandava o pintor pintar e eu mesmo mandava fazer nos Diários Associados, Correio e Unitário, naquele tempo.

*P. – O Manoel Caboclo está com as capas também?*

**J.B.S.** – De muitos, não de todos, mas de alguns ele tem os clichês das capas.

*P. – A Tipografia Graças Fátima, na quarta-capa do folheto “História de João Mimoso ou o Castelo Maldito”, mandava aguardar novo endereço. Ela chegou a se mudar? Teve outro endereço em Fortaleza?*

**J.B.S.** – Não, me mudei. Mudei para o Sul do Brasil. Montei na Rua Tanagra, 75, Olaria, Rio de Janeiro.

*P. – O senhor colocava anúncios nos folhetos. Ajudava a baratear os custos de edição?*

**J.B.S.** – É, eu fazia anúncios nos folhetos.

*P. – Tinha um de uma oficina de conserto de canetas no Mercado Central...*

**J.B.S.** – É, esse camarada se formou em médico, odontologia, acho que morreu, que eu não vi mais este homem, faz muito tempo que eu não o vejo. Ele endireitava caneta, naquele tempo tinha aquela caneta Parker e ele endireitava canetas, me lembro.

*P. – Algum outro poeta de Fortaleza imprimiu folhetos na sua gráfica?*

**J.B.S.** – Muitos deles imprimiam, o Alberto Porfírio, José Porfírio, não me lembro mais de outros, mas diversos que chegavam às vezes com folheto eu imprimia.

*P. – Moisés Matias de Moura?*

**J.B.S.** – Esse, quando eu montei a minha tipografia, já tinha deixado de escrever, ele não escrevia mais, morava ali perto de Messejana, era aposentado e não escrevia mais.



*P. – O senhor sabe onde ele publicava os folhetos dele?*

**J.B.S.** – Não sei, quem antigamente sempre publicava folheto aqui era Epolarí Maia, morava na Rua Liberato Barroso, não, na Rua Guilherme Rocha. Ele era nesse tempo era cônsul aí de um país, Uruguai, ele era cônsul do Uruguai nesse tempo. Tinha tipografia e era onde eu imprimia meus folhetos. Ele era inteligente, escreveu um livro, “O Mestre dos Mestres”.

## **Entrevista com**

### **Menininha Pereira**

*P. – O que e a senhora poderia dizer sobre seu pai, o editor de folhetos Olegário Pereira Neto?*

**M.P.** – Papai veio de Pernambuco e veio começar a vida dele aqui em Juazeiro, e ele não tinha tipografia, mas fabricava nas gráficas, no Crato e aqui em Juazeiro. Não tinha possibilidade de comprar uma máquina, as posses dele não davam. Ele escreveu romances, folhetos, oração, ele rimava também, e até mesmo um verso, “O Choro e a Quebradeira de 42”, foi ele que fabricou, foi ele que rimou ele. Também rimou “O Centenário do Padre Cícero”, cem anos, e assim ele fazia muitos versinhos bonitinhos. Agora ele escrevia muito, tinha romance porque comprou a Luiz da Costa Pinheiro, em Fortaleza, e também a João Martins de Athayde, no Recife. Tinha muitas histórias boas como “O Pavão Misterioso”, “O Papagaio Misterioso”, “O Boi Mandingueiro”, “José de Sousa Leão e Mariquinha”, “A Donzela Teodora”, “A Princesa da Pedra Fina”, “O Dragão e a Princesa” e afinal outros e outros mais. Depois, quando ele adoeceu, que era pra morrer, justamente Deus o chamou para a mansão sagrada, os outros que eram mais grandes então ficaram fabricando os romances dele. Ele era muito inteligente, muito sabido. Ele era pernambucano. Ele era pra ter pegado um bom dinheiro, aqui no Juazeiro, mas a morte o chamou muito cedo, porque ele morreu com 44 anos, e eu fiquei, não pude botar mais pra frente, porque só éramos duas irmãs e a minha mãe. A outra era casada, eu era solteira, não podia carregar nada sozinha, fazer versos, porque era muito dificultoso, dinheiros poucos, e eu deixei, não escrevi mais, nem também... Agora, eu sei fazer tudo de romance, nós éramos mesmo quem fabrica, eu, papai, mãe e a minha irmã. Depois que ele morreu, minha mãe casou-se outra vez e nunca mais que eu fabriquei nada, porque não posso, as minhas posses é pouca. Mas se eu fosse uma pessoa que tivesse dinheiro, pudesse, eu sabia fazer tudo de romance, e os originais dele, que ele tinha comprado a João Martins e a Luiz da Costa Pinheiro, sumiu-se tudo, porque minha mãe casou outra vez e o marido dela botou tudo no mato. Só tinha mesmo uns clichês que botavam nas capas dos versos, mas eu vendi porque tinha precisão e vendo tudo. Ele também fazia aqueles versos “A Chegada de Lampião no Inferno”, “A Chegada de Lampião no Céu”, “Uma Viagem ao Céu”, “O Matuto Vendedor de Fumo”.

*P. – Quando foi que seu Olegário morreu?*

**M.P.** – Papai morreu no dia 27 de fevereiro de 1946.

*P. – Ele já fabricava folhetos em Pernambuco ou começou a fazer aqui em Juazeiro?*

**M.P.** – Papai começou a fabricar aqui em Juazeiro, portanto o nome da folhetaria dele era Folhetaria Santa Luzia do Norte. Ele andou por Alagoas, andou por outros cantos, mas só onde ele se ajeitou foi aqui mesmo.

*P. – Com a morte dele, sua mãe ou vocês herdeiros venderam estes títulos para José Bernardo ou outro editor de folhetos?*

**M.P.** – Não, eu nunca soube que mamãe nem minha irmã vendesse, nem também meu padrasto. Eu acho que com o tempo foi que levou fim. Agora, depois que papai morreu, Zé Bernardo e Manoel Caboclo, todos eles ficaram escrevendo os próprios romances que papai comprou a Luiz da Costa Pinheiro e a Athayde. Desapareceu tudo, não sei se meu padrasto deu fim, sei que eram muitos originais, que quando ele comprou a Luiz da Costa Pinheiro, ele foi receber, ele me levou para ser testemunha que tinha recebido.

*P. – Foi em Fortaleza, que ele comprou?*

**M.P.** – A Luiz da Costa Pinheiro, foi. Agora João Martins de Athayde foi no Recife, mas nessa vez eu não fui, não. Ele fazia muito pedido a João Martins, que João Martins tinha muita história boa, nera? Fazia muito pedido. Já Luiz da Costa Pinheiro era quem pedia a papai, papai enviava pra Fortaleza. Vendia pro Maranhão. Muita gente fazia pedido aqui pelo Correio e ele enviava e recebia. Zé Bernardo mesmo foi um que comprou muitos versos fiados a papai e depois passou por cima, ficou de cima, rico. Mas quando a pessoa não tem de ter é assim mesmo, mas papai era inteligente, era sabido e tinha uma estrela clara.

*P. – Onde ficava a folhetaria dele, aqui em Juazeiro?*

**M.P.** – Na Rua São Pedro, 1027, do lado do sol.

*P. – A senhora sabe a partir de quando funcionou?*

**M.P.** – Bem, eu só sei dizer assim, que eu não sei dizer quando começou, sei que começou de muito tempo, mas que ele vivia aqui e nós vivia em Triunfo. Ele deixou mãe, dizendo que ia viajar pra cá, e não voltou mais e aqui ele vivia trabalhando, muito tempo. Eu sei que era muito tempo porque eu ainda menina, muito pequena, mãe veio praqui e disse que ele já trabalhava nisso, né?

*P. – Vocês vieram pra Juazeiro quando?*

**M.P.** – Viemos em 40 e em 46 ele morreu. Trabalhamos com ele seis anos.

*P. – E quando ele teria vindo?*

**M.P.** – Ah, faz tempo, ele me deixou pequena, quando eu tinha um ano de nascida, e quando eu vim pro poder dele eu já tinha oito anos, né? Ele deve ter passado muito tempo pra cá. Depois foi que mãe resolveu vir pra onde tá ele, não podia viver mais só porque não tinha quem desse nada a nós, aí nós viemos, mas também ele recebeu. Ele tinha uma companheira, que era de Viçosa, Alagoas, foi buscar essa companheira em Viçosa e aqui vivia com ela. Aí quando mãe chegou, aí mandou ela embora.

*P. – A senhora lembra quando fez a viagem a Fortaleza para comprar os originais de Luiz da Costa Pinheiro?*

**M.P.** – Eu lembro, foi em 41, não lembro do dia. Ele vendia até no mercado. Fui mais papai, depois, quando nós viemos embora pra cá, depois em 46, em janeiro ele foi pra Canindé, quando ele chegou adoeceu, pronto, não teve mais jeito. Gastamos o que não tinha e o que tinha, mas se Nosso Senhor não tem levado ele, nós tinha pegado um recurso, tenho certeza.

*P.* – *E quando morreu sua mãe?*

**M.P.** – Ela morreu uns trinta anos depois da morte dele.

*P.* – *Como é o seu nome completo?*

**M.P.** – Maria Gomes Pereira.

*P.* – *A senhora trabalhava muito dobrando os folhetos?*

**M.P.** – Muito, e ele não deixava eu sair pra canto nenhum, quando ele saía à noite deixava um milheiro pra quando chegasse nove horas estar dobrado, era daqueles papel grande, de dezesseis páginas, pra ninguém ter tempo de brincar nem de conversar nas casas.

## **Entrevista com**

### **Manoel Caboclo e Silva**

*P.* – *Fale sobre sua atividade no ramo da tipografia.*

**M.C.S.** – Eu comecei a trabalhar em tipografia em 1938 mais ô finado José Bernardo. Eu entrei como aprendiz. Trabalhei onze anos, dez pra onze anos, não foi onze anos completos, mas foi mais de dez. Quando eu me retirei da Tipografia eu saí com 42 mil réis no bolso, foi o dinheiro que eu salvei durante onze anos de trabalho, sem férias remuneradas, sem repouso, trabalhando todo dia, fazendo 4 horas por dia, 4 horas extras, para poder manter a minha família. Porque eu era muito pobre, trabalhava na roça e vim trabalhar com seu Zé Bernardo, e com toda esta dificuldade, eu ainda agradeço muito a ele, porque foi quem me tirou da roça para outras coisas mais importantes.

*P.* – *O que o senhor fazia na Tipografia São Francisco?*

**M.C.S.** – Eu fazia composição e tirava impressos, só não podia corrigir porque minha cultura era pouca. Então, com a mesma tipografia eu fui aprendendo, palavra por palavra, dito por dito, e hoje tenho uma coleção de livros que são meus professores.

*P.* – *E o que passou a fazer quando saiu da editora de Zé Bernardo?*

**M.C.S.** – Fui trabalhar com João Ferreira de Lima, que era astrólogo e era poeta. Eu já tinha uma veia poética, mas não confiava de fazer um livro, um folheto com o meu nome porque não tinha saída, ninguém me conhecia. Então quando eu fazia um livro, mandava seu Zé Bernardo corrigir e pôr o nome dele. Depois eu fiz outros livros, já tendo uma tipografiazinha, como ainda hoje tenho, e botava o nome do autor, outra pessoa. Depois Liedo esteve aqui em casa e disse: Manoel, de hoje em diante você não fará mais um folheto com o nome de ninguém. Então já cheguei a fazer mais de 50 histórias, coisi-

nhas boas, livros que o povo gosta, como "O Valente Cascavel", "Antônio Cobra Choca" e outras coisas que eu fiz também, livros de boa saída, mas hoje nosso cordel caiu.

*P. – A que o senhor atribui esta queda?*

**M.C.S.** – Ninguém deixa de ler um livro de São Paulo para ir ler um livro dos nossos. Então, sendo a mesma história, é preferível o de São Paulo porque tem uma capa bonita, não é o verdadeiro folclore, é uma remodelação feita naqueles livros. Nenhuma pessoa poderá comprar um cento de romances e se jogar com ele para o sertão, nem volta com dinheiro, nem com livro e chega com fome em casa. Diante das grandes gráficas, parques gráficos que nós temos hoje, offset e todas essas máquinas que funcionam automática, a nossa é, como se diz, uma pequena miniatura. Não compensa para se rodar uma máquina e gastar, nem sequer a luz, com a máquina rodando porque o lucro dela é muito pequeno. Eu tenho a gráfica, está parada, eu me aposentei e fiquei com as máquinas, não pus fora, porque eu sempre tive aquilo em mim de nunca botar fora o que Deus me deu. Deixa aí minha maquinazinha, alguém quis comprar, eu não quis vender, porque tudo no mundo tem um princípio, mas tudo no mundo tem um fim.

*P. – O número de folhetos que a Luzeiro vende mostra que o mercado ainda se interessa por esta literatura. O que o senhor diz?*

**M.C.S.** – Voltando à comparação das máquinas offset que tiram 40 milheiros de impressos, se possível for dentro de uma hora, para uma máquina que tira um milheiro por hora, se o indivíduo não perder uma chance. Então é uma diferença muito grande, não compensa mais pra nós rodar. Outra é que o papel está muito caro. Pra se fazer um folheto se gasta muito. Então estamos com todo o parque gráfico parado diante do verdadeiro cordel. Porque o cordel não é aquele que está pendurado num cordão, é aquele que foi feito com as cordas do coração.

*P. – Poesia se aprende na escola?*

**M.C.S.** – Eu sou autodidata, eu não tenho cultura. A minha cultura é adquirida de acordo com o tempo e os amigos. Porque meus pais perderam tudo quanto tinham e eu fui obrigado a ir trabalhar na roça. Quando me casei trabalhava também. Pelo dia vinha vender lenha na cidade, naquele tempo não havia gás butano, e eu vendia lenha nas ruas para fazer a feira. Quando passei a trabalhar na gráfica, trabalhava dia e noite. Passei a trabalhar na minha graficazinha, trabalhava dia e noite, mas hoje eu cansei.

*P. – Em que sentido?*

**M.C.S.** – Os anos me tiraram o gosto do trabalho, e não foi verdadeiramente o gosto, ainda hoje tenho gosto. O que me tirou o gosto foi não ter pessoas que tenham gosto como eu tenho. Não encontrar pessoas para vender o nosso produto. Não há quem possa continuar mais no ramo da poesia de cordel, porque nós temos televisão acima de tudo, nós temos os parques gráficos. Então o importante é a gente saber que a literatura de cordel vai ficar como uma lembrança nos dias futuros. Eu acredito mesmo que ela não volta a adquirir o que adquiriu.

*P. – O senhor poderia falar do interesse pelo folheto no tempo da Folhetaria de José Bernardo?*

**M.C.S.** – As vendas eram importantíssimas, barato, mas de acordo com o tempo. Nós trabalhávamos noite e dia e ninguém vencía os folhetos que chegavam pra gente escrever e todos eles eram faltando.

*P. – Quantos empregados a gráfica tinha nestes tempos de maior ritmo de trabalho?*

**M.C.S.** – Tinha horas que tinha dez, doze, tinha horas que tinha cinco, seis, porque o empregado gráfico ele é um tipo volante. Tem uns que são fixados, mas tem outros que são volantes, andam à procura de melhoras. E outros ficam, pelo menos eu fiquei, Expedito ficou. Eu saí quando vim trabalhar com João Ferreira, e Expedito ainda hoje convive nos restos da gráfica de Zé Bernardo.

*P. – E as tiragens?*

**M.C.S.** – Era de cinco a seis milheiros de tiragem de grande, e quando eu passei a trabalhar por minha conta, aqui mesmo na minha gráfica, a minha tiragem era sempre dez mil, oito mil, dez mil, dez mil. “O Valente Cascavel”, a minha tiragem era dez mil, dez milheiros.

*P. – Como foi a saída da Tipografia São Francisco?*

**M.C.S.** – Naquela época em que eu trabalhei com Zé Bernardo não havia a Justiça do Trabalho, e já depois de dez anos que eu trabalhava lá, apareceu um fiscal do Ministério do Trabalho, seu Alonso. Aí então seu Zé Bernardo me chamou, particularmente, e disse: seu Manoel, vamos fazer um negócio, um acordo. Você diz que só tem um ano de trabalho, eu pago um ano e nós continua pra frente; aquilo que tinha que pagar pro governo, eu vou pagar pra você. Assim ele fez com os outros, mas eu não aceitei. Ele também disse que não ia pagar repouso remunerado. Aí começou a divergência. João Ferreira de Lima apareceu por aqui, achou impossível aquilo e me ofereceu uma pequena gráfica para eu trabalhar pra nós dois. Aí eu deixei seu Zé Bernardo, e pra não dar desgosto a ele, a justiça quis cobrar dele e eu disse: não cobra nada, de jeito nenhum. Não quero que cobre nada do seu Zé Bernardo porque ele foi meu amigo.

*P. – Essa gráfica veio de onde, ou já estava em Juazeiro?*

**M.C.S.** – Não, essas máquinas já estavam em Juazeiro, só era uma maquinazinha pequena, que só pegava um dezesseis, e uns tipozinhos velhos. Nós passamos uns anos usando.

*P. – Ele já imprimia em Juazeiro por esta época?*

**M.C.S.** – Ele fazia uns folhetinhos, mas em outras gráficas, porque a dele não dava nem sequer pra tirar o almanaque, não dava pra tirar. Rodando ela e tirando algum servicinho, cartão de ouvives, cartãozinho, umas coisinhas, depois foi que eu comprei uma máquina que eu ainda hoje tenho, uma máquina grande, aí passei a tirar os folhetos nela.

*P. – Quando o senhor comprou esta máquina que tem ainda hoje?*

**M.C.S.** – Foi, parece que, em 1952 ou 53. É uma máquina fabricada em Campina Grande por Júlio Costa. Júlio Costa naquele tempo era jornalista, um ci-

dadão muito inteligente, foi vendedor de jornais, depois montou uma gráfica, depois teve um parque gráfico e uma oficina para fabricar máquinas. Minha máquina só teve um defeito de uma peça, uma rama caiu e ela quebrou o braço. Eu mandei emendar o braço dela, mas ela tira de um cartão a oito páginas sem precisar mexer na gradação. Era um modelo que ele fazia, que a gente só no papel mesmo, ela dá a gradação que a gente precisa. É importante porque outras, quando quebram a gradação, dão trabalho para chegar ao ponto, e ele não.

*P. – Como foi desfeita a sociedade com João Ferreira?*

**M.C.S.** – Eu comprei a partezinha dele, aí fui comprando outros materiais e fui vivendo até enquanto deu, mas quando as outras gráficas passaram a off-set, a linotipo, aí caiu.

*P. – Quantas pessoas trabalhavam na sua tipografia?*

**M.C.S.** – Dois operários que justamente foram criados por mim, dois meninos. Porque sempre as pessoas que eu criei, ensinei a trabalhar. Todos os que eu criei tinham suas escolas, e a minha casa servia de escola para o trabalho. Preparei a documentação deles, trabalhavam como operários, mas estudando. É tanto que todos têm a vida própria.

*P. – Como foi a fase mais intensa de sua folhetaria?*

**M.C.S.** – Joaquim Batista de Sena me vendeu toda a autoria dele, a que ele tinha preparada, ele me vendeu toda. Eu comprei e fiquei tirando, ainda hoje tenho os originais, agora estão todos parados, aguardando que uma pessoa apareça. Eu esperava um filho, mas o meu filho que eu esperava morreu. Eu tenho outro filho que mora na Bahia, eu guardo essa graficazinha porque pode um dia ele ter precisão dela e ele vai continuar, mas eu tenho todos os originais meus, fabricados, e de outros autores que eu comprei, está tudo guardado para que um dia, se houver oportunidade, se escrever, mas eu acho que essa oportunidade não vai mais chegar, porque nós temos São Paulo que está como televisão a cores.

*P. – Que causas o senhor apontaria para a crise dos folhetos?*

**M.C.S.** – A falta de revendedores. O revendedor não tem mais condições de comprar um livro, revender e ganhar pra se manter, e naquela época se mantinha. Eu tinha revendedor aqui, como seu Antônio Manoel, que comprava dez milheiros de romances. Benedito, de Fortaleza, cansou de dizer: seu Manoel, faça dez milheiros desse folheto pra mim.

*P. – Os revendedores não diminuíram em razão do desinteresse das pessoas?*

**M.C.S.** – O pessoal que comprava diminuiu também um pouco, mas diminuiu em virtude dos livros bons não terem mais saído. Se eles estivessem saindo, a gente não vendia muito, mas vendia sempre, porque não são só os revendedores que vivem do folheto, como também os banqueiros de rua, aqueles que vendem nas ruas também gostam dos folhetinhos, aquilo nos ajudava muito. Já aqueles que vendem nas bancas deixam de comprar o nosso aqui pra comprar o de São Paulo, porque o de São Paulo é bonito, é ampliado, tem aquela maravilha, boniteza, aquele colorido, e aquilo atrai. Muitas vezes a gente vende um folheto pelo clichê, mesmo ele sendo mais caro.

*P. – E o papel da televisão?*

**M.C.S.** – Ela afasta, ninguém deixa de assistir à novela para ler o folheto. Outra é que a televisão na mesma hora espalha uma notícia, quando a gente faz o folheto já não vende mais. Mesmo a morte de Tancredo, foi mostrado tudo nos pormenores e já não deu vida ao cordel.

*P. – E quanto ao Almanaque “O Juízo do Ano”?*

**M.C.S.** – O Almanaque “O Juízo do Ano” é um trabalho que ajuda ao agricultor na sua plantação, nos seus trabalhos, nas fases da Lua, os dias próprios para plantar e semear, o inverno, explicando se o inverno é muito pesado, se o inverno é fraco, se há pragas dentro do inverno, como bem eu anunciei num dos almanaques anteriores, uma praga futura; nós tamos já vendo o bicudo acabando com o algodão e ninguém domina mais aquele bicudo. Não há mais jeito porque ele põe e deixa a ova nas árvores secas e fica para o ano futuro, quando a chuva bate, numa certa época, aí ele nasce como uma semente e passa a produzir, e agora está penetrando e vai penetrar, aqui no Nordeste, vai terminar comendo milho, feijão, fava e outros cereais. Ele já está furando a fava...

*P. – Qual é a tiragem do almanaque?*

**M.C.S.** – Isto eu cheguei a tirar 35 milheiros, agora estou tirando menos, ano passado tirei 5, este ano tirei 7, porque as condições não dão mais para tirar porque eu não posso ter um montão de dinheiro pra jogar todinho nele.

*P. – Mas ainda vende bem.*

**M.C.S.** – Vende bem, mas é consumido quase todo na despesa. A gente vende pra todos os Estados do Nordeste.

*P. – Nunca pensou em colocar anúncios?*

**M.C.S.** – Não, de maneira nenhuma, totalmente independente. Quando vêm com um anúncio querem pagar 100 cruzeiros, 200 cruzeiros por um anúncio, não compensa. É melhor ser independente, toda vida fui independente.

*P. – E o senhor redige o almanaque sozinho?*

**M.C.S.** – Só tem a corrigenda, que justamente a gráfica faz, muitas vezes a gente escreve, pensa que está certo e tem um pequeno erro, a gráfica combina com a gente, a gente combina e se juntam duas, três pessoas.

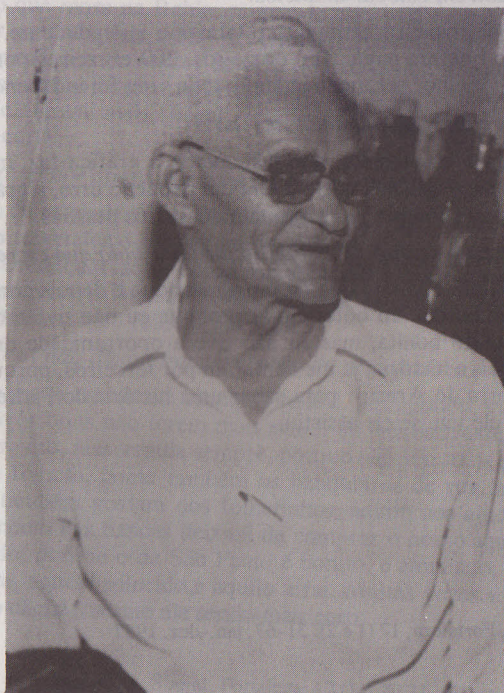
*P. – Quer dizer que o senhor se responsabiliza por tudo que escreve.*

**M.C.S.** – Eu sou tão ingênuo que fiz um almanaque e depois cortei uma página do almanaque porque eu botei um artigo, que eu não tive a oportunidade, era uma coisa muito bonita, mas eu não tive a oportunidade de falar com a pessoa que contou a história, já me contaram por terceiros, porque se possível for eu subo a serra do Araripe para saber uma história do Padre Cícero, qual foi a realza, se ele viu, se ele assistiu.



**Maria de Jesus Silva Diniz**

**Manoel Caboclo e Silva**







**Expedito Sebastião da Silva**



**Olegário Pereira Neto**



**Família de José Bernardo da Silva**

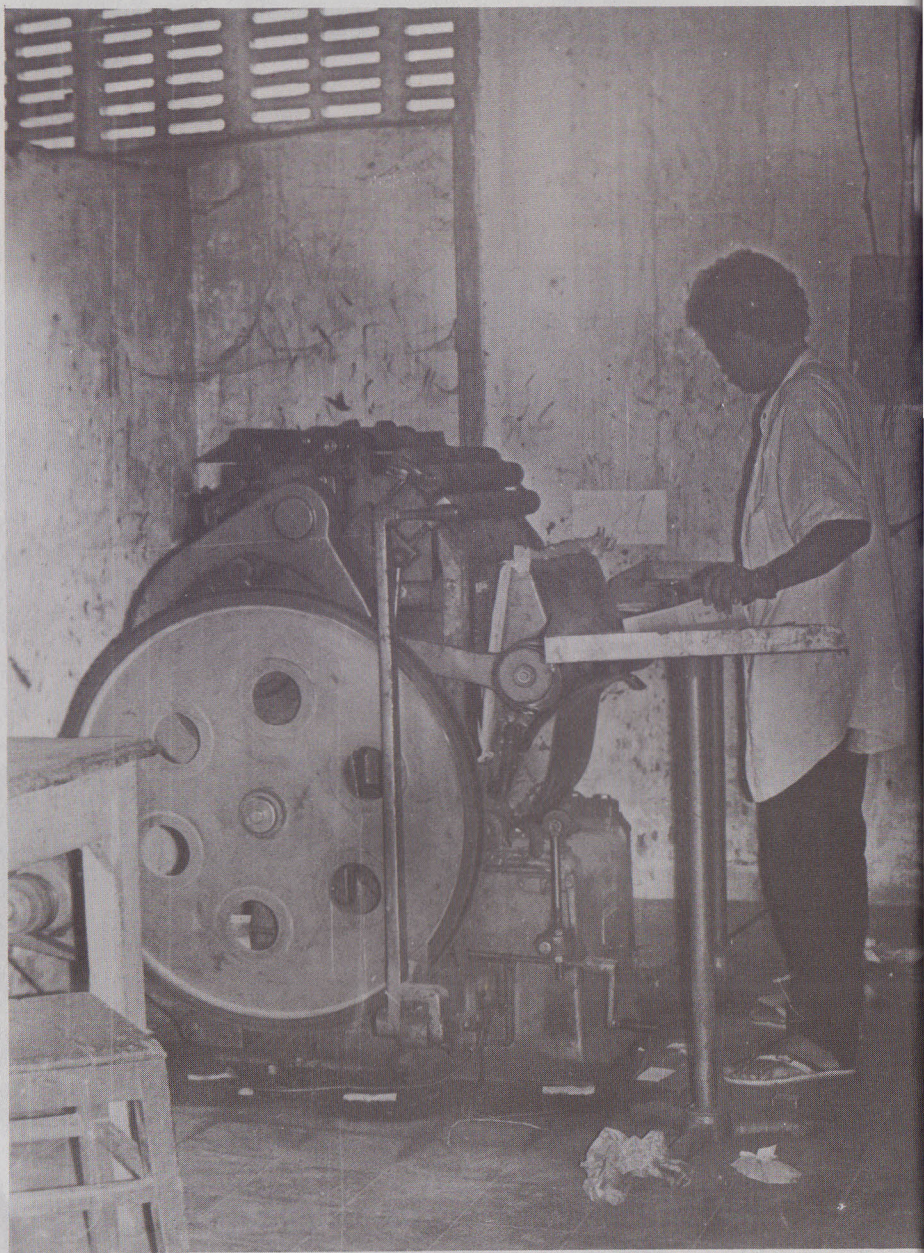


**João Mendes de Oliveira**

- Interior da Lira, julho de 1986



**Impressora da Lira Nordestina**





**Arquivos da Lira Nordestina**

**Tipagem da Lira Nordestina**



*Fotografias de José Alves, Cícera (Ladys Filme, de Juazeiro do Norte) e dos álbuns de Lino da Silva, Menininha Pereira e Francisca Mendes de Oliveira Teixeira.*